



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE**

**VANESSA THAMYRIS CARVALHO DOS SANTOS**

**PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO  
SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS**

**JEQUIÉ/BA**  
**2015**

**VANESSA THAMYRIS CARVALHO DOS SANTOS**

**PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO  
SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, área de concentração em Saúde Pública, para apreciação e julgamento da Banca Examinadora.

**LINHA DE PESQUISA:** Família em seu ciclo vital

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Edite Lago da Silva Sena

**JEQUIÉ/BA  
2015**

Santos, Vanessa Thamyris Carvalho dos.

S239 Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas/Vanessa Thamyris Carvalho dos Santos.- Jequié, UESB, 2015.  
91 f: il.; 30cm. (Anexos)


Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Enfermagem e Saúde)-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.  
Orientadora: Profª. Drª. Edite Lago da Silva Sena.

1. Drogas ilícitas entre estudantes do ensino médio – Percepção de familiares 2. Drogas ilícitas entre adolescentes – Políticas públicas de saúde 3. Filosofia em enfermagem I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título.

CDD – 616.86

DOS SANTOS, Vanessa Thamyris Carvalho. **Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas.** 2015. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié.

### FOLHA DE APROVAÇÃO



Profª Drª Edite Lago da Silva Sena- Orientadora e Presidente da Banca  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



Profª Drª Marlene Gomes Terra  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria.



Profª Drª Rita Narriman Silva de Oliveira Boery  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

**Dedico:**

**À Deus**, pela dádiva da vida e por me permitir chegar até aqui. Por ser a luz para o meu caminho e a minha fortaleza nos momentos de dificuldade.

**À minha mãe**, Vanete, por todo amor e cuidado que sempre me dedicou. Obrigada por ser meu exemplo de caráter e força. Te amo!

**À minha família**, que sempre torce por mim. Obrigada pelo carinho e orações.

## AGRADECIMENTOS

Enfim é chegado o momento de agradecer. Tarefa difícil resumir em simples palavras a minha gratidão às pessoas tão especiais neste processo.

Primeiramente, a **Deus** pelo dom da vida e por me permitir chegar até aqui, Nele encontrei amparo nos momentos de dificuldade e a certeza de que TUDO POSSO NAQUELE QUE ME FORTALECE.

À minha mãe **Vanete**, por tudo o que sou, os ensinamentos de caráter, força, por me ensinar a buscar a concretização dos meus sonhos e a nunca desistir. Você é minha fonte de inspiração!

Ao meu pai **Jorge** por toda a força e incentivo a mim destinados!

À minha avó **Dete** por toda a ternura e amor, a compreensão pelas ausências e por me fazer sentir querida todas as vezes em que chegava em Itabuna e me perguntava: que dia você vai voltar para casa? Faltam tantos dias para você voltar!

Ao meu avô **Nelson**, *in memoriam*. Eternamente vou te amar!

Às minhas tias, em especial **Mara**, por me ensinar desde pequena a gostar de estudar e com paciência me ajudar nos trabalhos da escola. Esse trabalho é parte do que você me tornou. À **Janete e Didi** por serem meus sustentáculos, fonte de apoio para que eu estivesse em Jequié todos esses anos de estudo.

Às minhas irmãs, **Larissa e Lorena**, pelo carinho, amor e compreensão das ausências nos momentos em família.

À minha orientadora **Edite**, por me fazer experimentar o EU POSSO! Você é para mim um exemplo de profissional e ser humano. Obrigada por me acolher, pela doçura, paciência e confiança!

À **Pati**, exemplo de humildade e fé. Conviver com você esse tempo foi maravilhoso! Obrigada por ser amiga, força, amparo, simplesmente ANJO, como sempre falo a você!

Aos amigos que construí nessa caminhada, em especial, **Ivna e Jeorgia**, com vocês a caminhada se tornou mais leve e alegre. Obrigada por conseguirem me arrancar sorrisos nos momentos de dificuldade e me ensinarem que amigos, realmente, são para todas as horas. Amo vocês!

Aos **colegas do mestrado** por me permitirem viver a intersubjetividade por meio dos conhecimentos compartilhados.

Aos amigos que construí na graduação e permanecem! Esses são para toda a vida! Em especial, **Lucio, Cassia, Elayny e Poly**. Obrigada por me ensinar que os verdadeiros amigos permanecem à distância e não importa quanto tempo passe, a amizade permanece a mesma.

À **Ítalo**, você me faz acreditar no ser humano e que em um mundo de tanta maldade ainda existem pessoas de coração puro. Te admiro muito! Obrigada pela força, ajuda nos momentos mais difíceis. Não tenho como descrever o que representa pra mim!

À **Lucas, Carine e Bárbara (dupla dinâmica)**. Obrigada pela ajuda e força!

Ao **Grupo de Pesquisas em Saúde Mental: Loucos por cidadania**. Vocês, para mim, são família! Obrigada por todo o aprendizado e acolhida.

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB**, por todo o aprendizado, exemplo de ética e caráter. Em especial às professoras **Alba, Rita e Adriana**. Obrigada por sempre me acolherem da melhor forma!

Aos **funcionários do Mestrado**, em especial à Lohane, pela disponibilidade e paciência.

Aos **alunos da Turma de Enfermagem**, na qual fiz estágio em docência. Obrigada por me permitirem viver uma experiência maravilhosa que é a de ser docente.

À **todas as pessoas que fazem tratamento no CAPS**, obrigada por ressignificar minha vida me fazendo quebrar preconceitos.

À **Anderson e Vaneide**, obrigada por serem o que são! Exemplos de força e luta. Amo vocês!

Às professoras **Marlene Terra e Rita Boery**, pela disponibilidade em participar da banca e por toda a atenção.

**Obrigada por fazerem este sonho se tornar realidade!**

Que a arte me aponte uma resposta  
Mesmo que ela mesma não saiba  
E que ninguém a tente complicar  
Pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer  
Pois metade de mim é plateia  
A outra metade é canção  
Que a minha loucura seja perdoada  
Pois metade de mim é amor  
E a outra metade também  
(Metade- Oswaldo Montenegro)



## RESUMO

O consumo de drogas vem aumentando a cada dia, principalmente entre os adolescentes, o que traz repercussões nas famílias; as quais, por vezes, não se encontram preparadas para lidar com as implicações desse evento. Objetivou-se compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio. A pesquisa de abordagem fenomenológica foi fundamentada no referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty e realizada com 14 familiares de estudantes do ensino médio de uma escola pública no interior da Bahia, Brasil. A coleta de dados ocorreu durante o primeiro semestre de 2015, por meio de entrevista fenomenológica, guiada por questões abertas relacionadas ao consumo de drogas, na residência dos familiares, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e consentimento dos responsáveis. As descrições vivenciais foram submetidas à Analítica da Ambiguidade, que permite suspender as teses e perceber as ambiguidades presentes na experiência humana, das quais emergiram temas que deram origem a dois manuscritos: *Expressão de familiares de estudantes do ensino médio sobre o consumo de drogas* e *Cuidado relacionado ao consumo de drogas: percepção de familiares de estudantes do ensino médio*. O estudo permitiu concluir que os familiares percebem a droga como uma coisa em si e o consumo de tais substâncias como algo que traz destruição, desvelando sentimentos de medo, terror, preocupação. Nessa perspectiva, eles revelaram também que percebem as amizades como elemento influenciador ao contato com as drogas e a escola como local de vulnerabilidade ao consumo. O estudo favoreceu um olhar privilegiado sobre o cuidado ao consumo de drogas, a partir da ótica de familiares de estudantes de escolas estaduais, atores sociais considerados alvos de políticas públicas no contexto do consumo de drogas.

**Descritores:** Drogas ilícitas; Família; Políticas públicas; Adolescentes; Filosofia em Enfermagem.

## ABSTRACT

Drug use is increasing every day, especially among teenagers, which brings repercussions families; which sometimes are not prepared to deal with the implications of this event. This study aimed to understand how care related to drug use is perceived by high school students from families. The phenomenological research approach was based on the theoretical-philosophical framework of Maurice Merleau-Ponty and performed with 14 family members of high school students in a public school in Bahia, Brazil. Data collection took place during the first half of 2015 through phenomenological interviews, guided by open questions related to drug use, the residence of the family, after approval by the Research Ethics Committee and parental consent. The experiential descriptions were submitted to Analytics of Ambiguity, for suspending the arguments and understand the ambiguities present in the human experience , from which emerged issues that gave rise to two manuscripts : *High school students familiar expression on the drug* and *Care related to drug use: perception of high school students from families*. The study found that family members perceive the drug as a thing in itself and the consumption of such substances as something that brings destruction, revealing feelings of fear, terror, worry. In this perspective, they also revealed that realize friendships as influencer element in contact with drugs and the school as a place of vulnerability to consumption. The study favored a privileged view of healthcare to drug use, from the perspective of family members of state school students, social actors as target of public policies in the context of drug use.

**References:** Illegal drugs; Families; Public policy; Adolescence; Philosophy in nursing

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AJECE-** Associação Jequeense de Cegos

**APAE-** Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

**BDENF-** Base de Dados de Enfermagem

**BVS –** Biblioteca Virtual em Saúde

**CAPS ad-** Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

**CAPS i -** Centro de Atenção Psicossocial infância e adolescência

**CEP-** Comitê de Ética em Pesquisa

**DINSAM -** Divisão Nacional de Saúde Mental

**DTS-** Doenças Sexualmente Transmissíveis

**ECA-** Estatuto da Criança e do Adolescente

**LILACS-** Literatura Latino – Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

**PEA-** Processo Ensino Aprendizagem

**PET-** Programa de Educação pelo Trabalho

**PNAD-** Política Nacional Antidrogas

**PPGES-** Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde

**PRONAL-** Programa Nacional de Controle dos Problemas Relacionados com o Consumo do Álcool

**RAPS-** Rede de Atenção Psicossocial

**RD-** Redução de Danos

**SCIELO-** *Scientific Electronic Library Online*

**SENAD-** Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

**SUS-** Sistema Único de Saúde

**TALE-** Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**TC-** Terapia Comunitária

**NAPS-** Núcleo de Atenção Psicossocial

**NRE-** Núcleo Regional de Educação

**OMS-** Organização Mundial da Saúde

**UESB-** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1. AVENTURA DO IMPENSADO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. REVISTANDO OS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA.....</b>	<b>17</b>
2.1. POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DROGAS NO BRASIL .....	18
2.2. CONSUMO DE DROGAS POR ADOLESCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR .....	21
2.3. A FAMÍLIA E O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS .....	
<b>3. O OLHAR QUE ILUMINOU O ESTUDO: REFERENCIAL TEÓRICO DE MERLEAU-PONTY.....</b>	<b>28</b>
<b>4. ESTRATÉGIAS USADAS PARA A COMPREENSÃO DOS VIVIDOS .....</b>	<b>32</b>
4.1. CENÁRIO DO ESTUDO .....	32
4.2. ADENTRANDO O TERRITÓRIO DA PESQUISA .....	34
4.3. PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	36
4.4. PRODUÇÃO VIVENCIAL.....	39
4.5. COMPREENSÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS .....	38
4.6. PERFIL ÉTICO DO ESTUDO .....	38
<b>5. VIVÊNCIAS E AMBIGUIDADES SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS .....</b>	<b>41</b>
5.1. MANUSCRITO 1: PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O CUIDADO RELACIONADO AO CONSUMO DE DROGAS. ....	42
5.2. MANUSCRITO 2: CUIDADO RELACIONADO AO CONSUMO DE DROGAS: PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. ....	57
<b>6. REFLEXÃO PARA UM RECOMEÇO .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....</b>	<b>89</b>

## 1. AVENTURA DO IMPENSADO

Minhas experiências são experiências do mundo e é o mundo que dá sentido às experiências que tenho. Por isso, não posso separar o próprio mundo do mundo enquanto significado para mim: ser humano (MATTHEWS, 2010, p.28).

O interesse em pesquisar a temática “Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas” surgiu da retomada de vivências emergentes da graduação. Inicialmente, ao cursar a disciplina Enfermagem em Atenção à Saúde Mental, tivemos o primeiro contato, durante as aulas práticas, com pessoas com transtornos mentais e, logo após, em um estágio no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps ad), um vínculo foi estabelecido com alguns dependentes químicos, usuários do serviço. Inquietava-nos bastante, desde a graduação, entender quais os motivos que levam as pessoas a estabelecerem um vínculo com as substâncias psicoativas ao ponto de afetar o seu contexto familiar e social.

A saúde mental sempre despertou o nosso interesse. Ao término da graduação, nos inserimos no “Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental: Loucos por Cidadania”, por meio do qual retornamos à leitura e discussão de artigos com o tema Álcool e Drogas e, também, colaboramos nas atividades do Programa de Educação pelo Trabalho (PET) para a saúde - “PET Saúde Mental/Crack, Álcool e outras Drogas”, que instigaram, ainda mais o interesse por essa área.

Ao participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), optamos pela linha de pesquisa “Família em seu Ciclo Vital”, por acreditar que a família é uma importante parceira da equipe de saúde. Nesse contexto, ao ingressar no mestrado, desenvolvemos uma atividade de educação em saúde na disciplina “Processo, Ensino e Aprendizagem (PEA)”, em uma escola pública do município de Jequié, Bahia, com adolescentes do segundo ano do Ensino Médio, onde pudemos perceber o quanto a escola pode constituir-se, ao mesmo tempo, em espaço de vulnerabilidade (descuido) para o consumo de drogas, como também para a promoção da saúde (cuidado).

Nesta perspectiva, concordamos com o pensamento de Leonardo Boff de que o cuidado opõe-se ao descuido e ao descaso, representa uma atitude, é muito mais do que um instante de atenção, é um modo de ocupação, preocupação e envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 2013).

Partindo desse pensamento, entendemos que os locais de vulnerabilidade se opõem ao cuidado, pois estão relacionados ao descuido - desastres e perigos. A vulnerabilidade pode ser compreendida como uma desvantagem que afeta muitas pessoas que têm necessidades não contempladas, tornando-as frágeis e susceptíveis, em risco de sofrerem danos (VILELA; DORETO, 2006).

Os diversos contextos de vulnerabilidade têm contribuído para o crescimento da população consumidora de drogas no Brasil. Estima-se que, no ano de 2009, cerca de 27 milhões de pessoas já consumiam substâncias psicoativas no país, situação esta que vem despertando forte preocupação na sociedade (DUARTE, 2009).

Assim, no presente estudo, optamos por utilizar o termo “consumo de drogas” considerando que o consumo das substâncias psicoativas está relacionado às diferentes formas de funcionamento da vida social, estando ligado ao sistema produtivo e econômico.

O fato de vivermos em uma sociedade capitalista faz com que a droga seja percebida como uma mercadoria, visão potencializada pelas indústrias lícitas e ilícitas, visando atender às necessidades do capital (SANTOS; SOARES; CAMPOS, 2010).

Nesse contexto, o aumento do consumo de drogas na sociedade trouxe a compreensão de que a prática de consumir drogas se mostra como uma experiência que coexiste com a história da humanidade, portanto, as políticas de cunho moralista que existiram, e que se mantém, não conseguiram e nem conseguirão eliminá-las do meio social, ou seja, sempre vamos conviver com o consumo de drogas no nosso cotidiano (MACHADO; BOARINI, 2013).

Desse modo, as políticas relacionadas às drogas têm procurado seguir a lógica da redução de danos, cuja perspectiva consiste em minimizar os riscos e danos sociais que a relação com as drogas pode gerar, sem desconsiderar a autonomia das pessoas. Para isso, se propõem a trabalhar com informação, educação, aconselhamentos e assistência social e de saúde no contexto do território (ALVES; LIMA, 2013).

Nessa perspectiva, destaca-se a necessidade de intensificar as ações de promoção da saúde com adolescentes, tendo como referência a estratégia da redução de danos, visto que estes sujeitos parecem encontrar-se em situação de vulnerabilidade ao consumo de drogas, já que essa fase da vida é caracterizada por modificações físicas, comportamentais, emocionais e uma maior curiosidade em experimentar o novo (SILVA et al., 2010). Apesar de haver muitas classificações que determinam a faixa etária da adolescência, nesse estudo, adotamos como parâmetro o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual considera como adolescentes as pessoas entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2009).

Na adolescência, geralmente, os grupos sociais têm importância significativa nos comportamentos, o que parece influenciar o consumo de drogas, sendo o ambiente escolar um local propício ao encontro dos grupos que as consomem. Ao mesmo tempo, a escola pode ser considerada espaço de cuidado, quando propicia ações educativas no sentido de fornecer informações acerca do consumo de drogas (COSTA et al., 2012).

No entanto, não é suficiente apenas que as escolas ofereçam informações sobre drogas, mas também se faz necessário o desenvolvimento de atividades que permitam aos adolescentes ter uma visão crítica sobre a temática. O ambiente escolar deve proporcionar aos discentes um ensino libertador, buscando abordar conteúdos problematizadores que envolvam aspectos políticos, sociais e econômicos implicados com a realidade social dos estudantes (COSTA; PINHEIRO, 2013).

Nessa perspectiva, quando a escola se propõe a trabalhar a partir de um ensino contextualizado com a realidade dos estudantes, em que estes se sintam responsáveis pela sua história de vida, ela pode contribuir para a construção dos sonhos e projetos de felicidade, ajudando-os a fazer escolhas saudáveis relacionadas a consumir ou não drogas.

Desse modo, o espaço escolar aparece de forma ambígua, revelando diferentes perfis, segundo a perspectiva figura-fundo, em que o desvelar da figura vela o fundo e o desvelar do fundo pode mostrar inúmeras figuras ao observador (MERLEAU-PONTY, 2011). Isso pode ser compreendido pelo fato desse espaço aparecer, ao



mesmo tempo, como local de cuidado e descuido, a depender do ponto de vista do observador.

Dentre os fatores relacionados ao cuidado no que se refere ao consumo de drogas, destacam-se as Redes Sociais que incluem trabalho, família, escola, amigos, comunidade e toda sua ação no ambiente onde se vive (MOURA; SILVA; NOTO, 2009). Nesse cenário, a família destaca-se como uma rede que deve andar em parceria com a escola promovendo o cuidado aos indivíduos (NAIR; GIOVANELL; MAINBOURG, 2014).

Ao nos referirmos à família, não podemos deixar de considerar os diferentes arranjos que ela tem apresentado nas últimas décadas: monoparentais (formadas apenas por dois membros, como pela díade mãe-filho, etc); extensas (onde estão incluídas diferentes gerações na família); nucleares (aquelas tradicionalmente formadas por pai, mãe e filho); associativas (as quais incluem pessoas com laços afetivos); adotivas (com pessoas que desenvolvem afinidades e moram juntas); ampliadas (que se formam sem a necessidade de haver espaço físico comum); recompostas (famílias que, após uma primeira tentativa não bem-sucedida de coabitação, submetem-se a uma nova experiência) e homossexuais (TEIXEIRA; PARENTE; BORIS, 2009). Neste estudo iremos considerar todos os tipos de arranjos familiares que as famílias podem apresentar.

No contexto da saúde mental, a instituição familiar vem ganhando espaço a cada dia, isso se deve principalmente ao advento da Reforma Psiquiátrica, com a promulgação da Lei 10.216, que vem garantir os direitos das pessoas com transtornos mentais e impulsionar o surgimento de outras legislações no campo da saúde mental (BRASIL, 2002a). Entre essas, destaca-se a Portaria/GM N° 336, de 19 de fevereiro de 2002, que orienta a transição dos espaços de tratamento dos hospitais psiquiátricos para os serviços comunitários de atenção à saúde, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que prestam assistência às pessoas com transtornos mentais e usuários de drogas no seu território de abrangência (BRASIL, 2002b).

Esses serviços substitutivos, os quais prezam pelos princípios da desinstitucionalização, incluem a participação dos familiares no cuidado aos usuários de drogas numa articulação de corresponsabilidade (RIBEIRO; COIMBRA;

BORGES, 2012). Porém, essas transformações acarretaram implicações à família que, muitas vezes, não se encontra preparada para lidar com cuidado ao familiar, principalmente, quando este é consumidor de drogas, pois essa convivência cuidador-familiar geralmente é marcada por sentimentos de impotência e angústia, já que, muitas vezes, o cuidador sente-se impossibilitado de resolver o problema do seu familiar (ALVAREZ; GOMES; XAVIER, 2014), haja vista que não é apenas um problema social, mas de saúde pública.

Diante das dificuldades enfrentadas pelas famílias, no contexto do consumo de drogas, faz-se relevante a realização de estudos dessa natureza, a fim de conhecer como os familiares de estudantes de ensino médio percebem o cuidado relacionado ao consumo de drogas.

A realização da pesquisa se justifica pelo fato de, ao realizarmos uma revisão de literatura, encontrarmos uma lacuna na produção científica em relação aos estudos de abordagem fenomenológica; principalmente no que se refere a pesquisas que se proponham a estudar a percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas e que venham a desconstruir teses existentes sobre a temática, como propõe os estudos fenomenológicos.

As pesquisas sobre o consumo de drogas por adolescentes, geralmente, trazem uma visão objetivista sobre o assunto, apontando os fatores protetores e de vulnerabilidade (GIACOMOZZI et al., 2012; BERNARDY; OLIVEIRA, 2010; GARCIA; PILLON; SANTOS, 2011). No entanto, por entendermos que o consumo de droga é um fenômeno complexo e por mais que tentemos encontrar uma explicação sobre o que leva uma pessoa a consumir drogas, jamais conseguiremos. Por se tratar de uma experiência singular, tendo diferentes justificativas e significados para os sujeitos, decidimos realizar este estudo que se propôs a nos fazer enxergar além do que a visão positivista nos mostra; até porque, para Merleau-Ponty, quando se trata de percepção, a única objetivação possível é a ambiguidade (MERLEAU-PONTY, 2011).

Por se tratar de um estudo que envolve a percepção, optamos por utilizar o referencial teórico da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, que de acordo com o autor, aborda uma experiência ambígua que permite enxergar muitos perfis sobre uma determinada temática. A percepção acerca do cuidado ao consumo de drogas

constitui-se em um resultado do diálogo entre o mundo da cultura (linguagem) e o mundo da vida (sentimentos), os quais são polos da natureza humana. A experiência de perceber possibilita a ressignificação da vida por meio da abertura ao novo, que ocorre no entrelaçamento do cuidador-pessoa cuidada, de modo que, em um dado momento, eles se misturam de tal maneira que já não se sabe quem cuida e quem é cuidado, já que, por meio da relação, um se cria com o outro, na intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2011).

Assim, na expectativa de contribuir para a fomentação de novas práticas de saúde relacionadas ao consumo de drogas, de modo a envolver tanto os adolescentes como os familiares, o estudo buscou responder à seguinte questão norteadora: como os familiares de estudantes de ensino médio percebem o cuidado relacionado ao consumo de drogas? E, no intuito de respondê-la, estabelecemos como objetivo para esse estudo o de compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio.

## 2. REVISTANDO OS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA

De acordo com o pensamento merleau-pontyano, é sempre possível produzir novos conhecimentos, e, ainda que tentemos escrever sobre algo que algum autor disse, estaremos colocando também a nossa visão sobre o que está posto, já que o conhecimento é produzido por meio da fala e não é um pensamento que está em mim ou no outro, ele surge na relação dialógica que estabelecemos (MERLEAU-PONTY, 2011).

Desse modo, essa revisão narrativa partiu da seguinte questão norteadora: o que as pesquisas desenvolvidas no Brasil abordam sobre a percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas? A fim de responder a esta pergunta, foi realizada uma busca das publicações disponíveis no meio eletrônico, nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino – Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Utilizamos os descritores: “Relações familiares x Drogas ilícitas” x “Escola” x “Políticas públicas” x “Adolescentes”. Foram selecionados artigos e teses.

Utilizamos como critérios de inclusão: os artigos completos publicados nos últimos cinco anos, em português e que tinham pelos menos um dos descritores presentes na busca. Como critérios de exclusão, utilizamos: artigos publicados há mais de cinco anos, que tinham apenas o resumo, estivessem no idioma que não fosse o português e não possuíssem pelo menos um dos descritores presentes na busca.

Estabelecemos o período de cinco anos para o recorte temporal da pesquisa, pois os estudos na área da saúde se atualizam de forma rápida, o que requer constantes buscas e estudos. Desse modo, acreditamos que este intervalo é, ao mesmo tempo, amplo e atual, podendo conter as últimas publicações relativas ao tema.

Nessa revisão, também foram utilizados documentos oficiais, como legislações e resoluções concernentes ao contexto do consumo de drogas. Desse modo, após a identificação das obras, realizamos a leitura para o conhecimento e análise de seus conteúdos. Depois, iniciamos uma leitura em profundidade dos materiais e

constituímos os eixos temáticos dessa revisão: Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil; Consumo de drogas por adolescentes no contexto escolar e A família e o cuidado no contexto do consumo de drogas.

## 2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DROGAS NO BRASIL

O consumo de drogas no Brasil faz-se presente desde a época colonial e sempre esteve sob regulação social, o que geralmente ocorria em contextos socioculturais específicos que estabeleciam seu consumo mediante normas e convenções sociais. Porém, a partir do século XIX, com o isolamento de princípios psicoativos, essas substâncias apresentaram-se de forma mais potente, o que resultou na expansão do seu consumo para finalidades terapêuticas e também recreativas, e, conseqüentemente, houve enfraquecimento das estratégias socioculturais relacionadas à regulação do seu consumo (MACHADO; BOARINI, 2013).

O aumento do consumo de drogas, juntamente com o crescimento da marginalização e da violência, levou países a intervenções no campo da justiça, por meio de medidas proibitivas que visavam realizar uma “guerra às drogas” e, como consequência, isso aumentou o estigma aos usuários. No entanto, antigamente, não se pensava as drogas como uma questão de saúde pública, como um consumo associado a riscos à saúde e à qualidade de vida dos consumidores (INGLEZ-DIAS et al., 2014).

A partir da década de 1970, houve a elaboração de teorias com a finalidade de entender o fenômeno do consumo de drogas e subsidiar políticas nesse campo. Essas teorias representaram quatro tipos de modelos de atuação frente ao consumo de drogas: (1) o modelo jurídico-moral, que visa a fazer com que as pessoas não consumissem essas substâncias, e, para isso, procurava vigiar e punir, quando estas faziam uso; (2) o modelo médico ou de saúde pública, que tratava a droga como geradora de dependência e procurava diminuir a sua aceitação social; (3) o modelo psicossocial, que valorizava o consumidor e procurava determinar os diferentes modos de utilização das drogas e (4) o sociocultural, que procurava destacar o contexto de

vida considerando que as substâncias ganhavam importância de acordo com o que é vivenciado pelo indivíduo (TRAD, 2010).

Em 1987, a Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), denominado Grupo Técnico de Saúde Mental, elaborou o Programa Nacional de Controle dos Problemas Relacionados com o Consumo do Álcool (PRONAL), que tinha por objetivo organizar a rede de serviços de atenção aos problemas associados ao consumo do álcool, com destaque nos cuidados primários de saúde. Esse programa foi iniciado por meio da realização de um curso de treinamento das equipes, porém, por falta de recursos, foi interrompido (BRASIL, 1988).

Em seis de abril de 2001, inspirada pelos ideais da Reforma Psiquiátrica, surgiu a Lei 10.216, originada do Projeto de Lei do Deputado Paulo Delgado de 1989, reafirmando as diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), e prevendo a proteção e a garantia dos direitos das pessoas com transtorno mental (BRASIL, 2001; DELGADO; CORDEIRO, 2011). Esta legislação representou um importante marco, pois impulsionou muitas das políticas no campo do consumo de álcool e outras drogas.

No ano de 2002, foi criado o decreto presidencial nº 4.345 que estabeleceu a Política Nacional Antidrogas (PNAD), consolidando objetivos e diretrizes para a ampliação de estratégias de tratamento, recuperação, prevenção, reinserção social e redução de danos sociais e à saúde (DUARTE, 2011).

Ainda em 2002, o Ministério da Saúde instituiu, no âmbito do SUS, o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e outras Drogas, o qual abordou uma rede estratégica e multidisciplinar de serviços extra-hospitalares, voltadas à atenção comunitária e articulada a outras redes de serviços para oferecer assistência integral aos usuários e familiares (BRASIL, 2002).

Em seguida, houve a instituição da política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas, trazendo a compreensão de que o cuidado relacionado ao contexto do consumo de drogas deveria incluir ações de promoção da saúde, prevenção e reabilitação psicossocial, propondo uma articulação da rede de atenção à saúde (BRASIL, 2003).

A política de redução de danos foi regulamentada no ano de 2006, por meio da Lei nº 11.343, a qual começou a ser inserida nos espaços institucionais por meio da

Política Nacional da Atenção Básica, da Política Nacional de Saúde Mental, da Política do Ministério da Saúde de Atenção Integral de Usuários de Álcool e outras Drogas e da Política Nacional sobre Drogas, realinhada em 2004 (BRASIL, 2006).

A política de redução de danos procurou descentralizar o foco da abstinência e erradicação das drogas e respeitar o direito à saúde de todos e a liberdade daquele que não consegue ou não deseja interromper o consumo de drogas. Propõe, ainda, minimizar os riscos e os danos sociais à saúde relacionados ao consumo de drogas, sem necessariamente intervir na oferta ou no próprio consumo dessas substâncias, contrapondo-se à visão de “guerra às drogas”. Entre as medidas dessa estratégia destacaram-se: assistência social e à saúde, aconselhamento, informação, educação e insumos de proteção à saúde e de prevenção ao HIV e hepatites (ALVES, 2013; MACHADO; BOARINI, 2013).

Em 2010 é instituído o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras drogas, tendo como foco a prevenção do consumo de drogas, o tratamento, a reinserção social de usuários e o enfrentamento do tráfico de crack e outras drogas ilícitas (BRASIL, 2010).

No ano seguinte, em 23 de dezembro, é promulgada a Portaria 3.088, que vem instituir a criação, ampliação e articulação de pontos de atenção à saúde para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas (BRASIL, 2011b).

Nesse contexto atual, a base da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) são os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) que trabalham articulados com outros serviços de saúde, contando com a atuação de equipes multidisciplinares desde unidades mais simples até centros maiores com internação e grande abrangência de cuidado, incluindo também aqueles especializados em infância e adolescência (CAPS i) e na atenção ao uso e abuso de álcool e outras drogas (CAPS ad). Nessa rede, também estão presentes as Unidades Básicas de Saúde, os Hospitais-dia e os leitos psiquiátricos em Hospitais Gerais, destinados às internações de pequena permanência em contexto de crise (BRASIL, 2011b).

Nessa conjuntura de mudança das práticas em saúde mental, a constituição de uma rede de atenção deve levar em consideração não somente as unidades de saúde,

mas, também, uma rede comunitária de dispositivos de cuidado; mediada por canais de comunicação entre seus constituintes que contam com instituições em parceria de trabalho, como as igrejas, escolas e a justiça, contextos importantes de produção de cuidado (ALVES; SILVEIRA, 2011).

Os princípios do SUS, de universalidade e equidade, impulsionaram a criação da estratégia de transpor as práticas de cuidado para o território, pensando nas populações mais vulneráveis, como os consumidores de drogas. Na perspectiva de encontrar espaços que possibilitem o cuidado, o trabalho pela perspectiva do SUS desloca-se para o território de vida da população, e, dessa forma, procura atender às necessidades de pessoas que não se adaptam aos equipamentos tradicionais de atenção à saúde (LEMKE; SILVA, 2013).

Em 25 de janeiro de 2012, por meio da Portaria 121, foi instituída a Unidade de Acolhimento para pessoas com necessidades decorrentes do consumo de Crack, Álcool e outras Drogas no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial; devendo funcionar 24 horas e nos 7 dias da semana, além de oferecer acolhimento voluntário às pessoas que consomem drogas, em situação de vulnerabilidade, garantindo convivência social, familiar, moradia e educação (BRASIL, 2012 a).

Também no ano de 2012, foi instituída a Portaria nº 130, a qual redefine o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24h (CAPS AD III) e os respectivos incentivos financeiros (BRASIL, 2012b). Ainda, em 2012, foi promulgada a Portaria nº131 que preconiza o incentivo financeiro para apoio aos Serviços de Atenção em Regime Residencial, incluindo as Comunidades Terapêuticas, voltadas para pessoas com necessidades decorrentes do consumo de crack e outras drogas (BRASIL, 2012c).

Nesse contexto, percebemos que ao longo dos anos ocorreram muitos avanços no que se refere às Políticas de Saúde direcionadas ao contexto do consumo de drogas e, cada vez mais, tem se percebido que as políticas de caráter proibicionista não conseguem resolver a “problemática” do consumo de drogas, o que vem fazendo com que as legislações sejam pensadas no âmbito da redução de danos e da autonomia das pessoas em relação ao consumo.



## 2.2 CONSUMO DE DROGAS POR ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola é considerada um espaço de encontro de adolescentes, onde ocorrem as diversas experiências de convivência entre pais, alunos, educadores e funcionários. A comunidade escolar, em seu contexto sociocultural, vivencia o desenvolvimento das práticas pedagógicas operacionalizadas a partir de políticas públicas que têm sido planejadas no sentido de trabalhar problemas cotidianos, por meio da articulação intersetorial e de modo a envolver estudantes, profissionais de saúde, educação e família (GIACOMOZZI et al., 2012).

Um estudo realizado com escolares em Uberaba-MG, Brasil, apontou que a maioria dos adolescentes (66% dos meninos e 55,1% das meninas) consumia bebidas alcóolicas, cujo início se deu entre 14 e 15 anos de idade, sendo a cerveja a bebida mais utilizada. Desses adolescentes, 38% dos meninos e 25,8% das meninas já haviam experimentado uma droga ilícita, o que demonstrou a situação de vulnerabilidade que esses adolescentes se encontravam em relação ao consumo de drogas (SILVEIRA; SANTOS, 2012).

Ademais, uma pesquisa realizada em 50 escolas públicas estaduais do ensino fundamental e médio de São Paulo, Brasil, totalizando 965 adolescentes, sendo 45,2% do sexo feminino e 54,8% do sexo masculino, demonstrou que 80,6% adolescentes apresentaram problemas escolares devido o consumo de drogas, como repetir o ano, ter notas baixas, não realizar as atividades escolares e não concentrar-se nas aulas; o que, de acordo com o estudo, pode ser explicado pelo fato das substâncias psicoativas alterarem as funções de memória dos adolescentes (CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

Por outro lado, os problemas escolares foram considerados como vulnerabilidade ao consumo de drogas, pois os alunos que se sentem desmotivados na escola, pensando em abandonar os estudos, têm probabilidade cinco vezes maior de consumir drogas. Já os que relataram gostar da escola tiveram risco quase 35% menor de consumir as substâncias psicoativas. Além disso, ter uma rede de amigos, na escola,

que não consomem drogas foi considerado como fator de proteção ao consumo (CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

Os laços familiares também demonstraram ser um fator protetor no que se relaciona ao consumo de drogas por adolescentes escolares, o que demonstra a necessidade de haver atividades de educação em saúde que valorizem esse aspecto. Por outro lado, a família também pode ser considerada como fator influenciador ao consumo de drogas, o que pode ser justificado pelo fato da maioria dos comportamentos sociais serem aprendidos a partir de interações estabelecidas em fontes de socialização, como grupo de amigos, escola e família (GIACOMOZZI et al., 2012).

Dentre outros fatores que influenciam o consumo de drogas na adolescência, também se destacam: as relações de conflitos com os pais, a falta de diálogo, as péssimas condições de vida dos jovens, a falta de lazer, a violência doméstica e os amigos que fazem consumo dessas substâncias. Nessa direção, aspectos relacionados à maior vulnerabilidade ao consumo de drogas podem ser identificados na falta de informações adequadas sobre as drogas e seus efeitos, na insatisfação com a qualidade de vida e na personalidade vulnerável ou mal integrada entre sujeitos (SILVEIRA; SANTOS, 2012).

Por outro lado, alguns estudos apontaram que os adolescentes que consomem drogas estão mais vulneráveis a algumas situações, tais como a falta às aulas, as situações de violência, a sexualidade ativa e/ou desprotegida, e a exposição à gravidez, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e aos acidentes (CERQUEIRA et al., 2011).

Diante dessa realidade, destacamos a importância de haver parcerias entre os diversos setores da sociedade, como saúde, educação, assistência social, segurança pública, esporte e lazer para que realizem atividades de educação em saúde direcionadas aos adolescentes (FARIA FILHO, 2014). Percebemos o consumo de drogas como um fenômeno complexo e, como tal, necessitamos promover ações intersetoriais e de abordagem multiprofissional para o cuidado nesse contexto.

Desse modo, ressaltamos a ação de integração do Programa Saúde na Escola (PSE), o qual consiste em uma política interministerial da Saúde e da Educação e que

tem como objetivo formar o estudante integralmente, por meio da promoção da saúde; assim, busca trabalhar com temáticas como o consumo de drogas lícitas e ilícitas, que podem comprometer a saúde e o desenvolvimento do aprendizado do adolescente escolar (BRASIL, 2007; BRASIL, 2011 a).

Todavia, além de trabalhar em parceria com a saúde, a escola também deve dialogar com a família na realização de atividades de promoção a saúde em relação ao consumo de drogas, pois os familiares representam um importante meio de divulgação de informações; para tanto, as escolas poderiam se utilizar de recursos diversos para ilustrar as informações, como recursos midiáticos, debates sobre eventos vivenciados por pessoas próximas e que ao se envolverem com drogas tiveram complicações em suas vidas. Dessa maneira, as atividades de educação em saúde desenvolvidas na escola devem fomentar habilidades educativas e de comunicação entre familiares, sensibilizando as famílias sobre a importância que eles têm como agentes de saúde (SANCHEZ et al., 2011).

Nesse sentido, faz-se relevante a realização de pesquisas no contexto das escolas que envolvam a temática das drogas, já que os resultados poderão proporcionar subsídios para o desenvolvimento de ações de saúde destinadas aos escolares e suas famílias. As pesquisas qualitativas que proporcionam a escuta às famílias de estudantes poderão contribuir ainda mais para a compreensão da percepção que eles têm sobre o cuidado relacionado ao consumo de drogas, o que permitirá o desenvolvimento de ações de redução de danos nesses espaços.

### 2.3 A FAMÍLIA E O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS

A família, ao longo da história, vem sendo considerada como uma instituição de cuidado, estando muitas vezes associada ao desenvolvimento saudável de seus membros, ao ser compreendida como o elo entre os diversos setores da sociedade. Nessa perspectiva, os comportamentos dos familiares são importantes modelos a serem seguidos pelos seus membros nas diferentes fases da vida (BERNARDY; OLIVEIRA, 2010).

Nas últimas décadas, a família passa por profundas mudanças em sua estrutura, ao deixar de seguir o modelo de família tradicional nuclear (pai, mãe e filhos) e passar a apresentar diversas configurações; o que tem fomentando nas pessoas muitos mitos, valores e tabus em torno das novas configurações familiares (OLIVEIRA; BITTENCOURT; CARMO, 2010).

Porém, mesmo diante das modificações ocorridas ao longo do tempo, a família não perdeu a sua importância e pode ser considerada como um espaço em que os indivíduos devem receber suporte material e psicológico; onde as pessoas crescem, nutrem-se e cultivam crenças e valores (MARTINS; FERNANDES; GONÇALVES, 2012).

No entanto, é necessário compreendermos que na família também podem existir momentos de crise e desentendimentos, que podem se exacerbar ainda mais quando um dos seus membros adoece ou apresenta qualquer problema. Nas famílias que vivenciam o cuidado às pessoas consumidoras de droga, os conflitos e as dificuldades de convívio são mais acentuados e tendem a aumentar à medida que os efeitos do consumo vão se agravando, causando angústia, sofrimento e desgaste familiar. Ao descobrir que o familiar está consumindo drogas, alguns pais, inclusive, passam a se sentir culpados, pensando terem errado na educação dos filhos (ZEITOUNE et al., 2012).

Nessa perspectiva, em um estudo realizado com 11 familiares de jovens em tratamento no Centro de Recuperação Vida Nova, nas cidades de Rolândia e Cambé, Paraná, Brasil, foi possível constatar possíveis fatores que levam o jovem ao início do consumo de drogas, são eles: o ciúme entre os irmãos, a falta de carinho dos pais, e, em maior proporção, a supervalorização da influência dos pares; o que demonstra a culpabilização da família pelo consumo de drogas dos seus membros (BERNARDY; OLIVEIRA, 2012).

Assim, podemos perceber que o fenômeno da droga afeta não somente as pessoas que fazem consumo abusivo ou dependente, mas também àqueles que lhes são mais próximos. Isso porque o consumo interfere nos laços afetivos de forma progressiva, comprometendo os relacionamentos sociais, de forma que os vínculos

familiares se fragilizam e chegam a se romper, marginalizando o indivíduo (SELEGHIM et al., 2011).

Ademais, as famílias que têm membros em estado de dependência química, vivenciam situações de conflitos, incertezas, angústias e sentimentos de impotência. O cuidado a um familiar nessa situação envolve atenção com alimentação, higiene pessoal, acompanhamentos em serviços de saúde e de assistência diante das diferentes situações a que essas pessoas são expostas. Os familiares apresentam desgastes tanto na esfera física, quanto no âmbito psicológico, muitos relatam ter uma vida de resignação e sacrifícios, acompanhada por sentimentos de solidão, frustração e tristeza (MEDEIROS et al., 2013).

Por outro lado, um estudo realizado em Nicarágua, com 657 estudantes do ensino médio, demonstrou que o contexto familiar pode se constituir como fator predisponente ao consumo de drogas. Nas famílias dos adolescentes que consumiam as substâncias psicoativas foi evidenciada a presença de atos de violência intrafamiliar como abuso sexual e maus-tratos verbais e físicos; o que foi apontado como fator de risco para o consumo dessas substâncias psicoativas pelos adolescentes desse estudo (GARCIA; PILLON; SANTOS, 2011).

O meio familiar é um dos contextos privilegiados para a busca de modelos de comportamento com os quais os adolescentes podem se identificar. Os adultos, mediante seu funcionamento psicológico e seus modos de resolução de conflitos, oferecem exemplos a serem ou não seguidos pelos adolescentes. Nessa perspectiva, o consumo de drogas por familiares pode ser influência para a prevenção ou promoção do consumo (BERNADY; OLIVEIRA, 2012).

Diante dessa realidade, percebemos a importância da realização de estudos com as famílias dos consumidores de drogas, para assim, compreendermos as suas necessidades e traçarmos estratégias de intervenção. É necessário o desenvolvimento de estudos que ofereçam subsídios para o desenvolvimento de estratégias de cuidado a essas pessoas em vulnerabilidade e às suas famílias, ao potencializar a participação da família no cuidado nesse contexto.

Desse modo, entendemos que a família pode constituir-se como veículo de informação a seus familiares sobre os danos que o envolvimento com drogas pode

causar, sendo uma importante parceira dos profissionais de educação e saúde, no que se refere à abordagem da temática drogas com os adolescentes.

### **3. O OLHAR QUE ILUMINOU O ESTUDO: REFERENCIAL TEÓRICO DE MERLEAU-PONTY**

O presente estudo se propôs a desvelar a percepção, motivo pelo qual optamos por fundamentar a análise no referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty, já que o autor se preocupou em construir uma fenomenologia voltada à percepção humana, pois esta sempre abre novos horizontes para que o saber se instale. A fenomenologia afirma que não há como separar os sujeitos do mundo percebido, pois há uma relação viva daquele que percebe com o mundo, considerando que ambos se apresentam a cada momento como uma recriação ou reconstituição (MERLEAU-PONTY, 2011).

Nessa perspectiva, Merleau-Ponty entende que perceber não é somente receber passivamente as “representações” dadas de fora e interpretá-las. É um contato direto com o mundo, envolvimento com as coisas que estão à nossa volta. “O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece no encontro de experiências eu-outro-mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.50). Para o autor, a consciência jamais é plena, mas está sempre “por fazer, ou seja, por realizar na existência” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.341).

A fenomenologia surge a partir da concepção de Edmund Husserl de que o conhecimento científico encontrava-se em crise (HUSSERL, 2002). De acordo com ele, a ciência foi criada na perspectiva de buscar a unidade dos fenômenos, como pensavam os gregos; porém, ela estava se especializando demais e deixando de lado a sua essência, o seu caráter universal. A fenomenologia surge justamente para tentar retornar ao ideal clássico de ciência, de entender a unidade dos fenômenos (HUSSERL, 2002; SENA, 2006).

Logo, a fenomenologia vem trazer uma nova concepção em relação à construção do conhecimento, afirmando que este ocorre na intersubjetividade, ou seja, ele não tem um lócus definido, acontece por meio das interações estabelecidas a partir de vivências, da forma como os fenômenos se mostram. Trata-se, portanto, de retornar ao mundo vivido, ou seja, ao mundo dos sentimentos, aquém do mundo objetivo (MERLEAU-PONTY, 2011).

O homem encontra-se no mundo, então, é no mundo que ele se conhece. Nessa perspectiva, o autor afirma que todo o universo da ciência é construído sob o mundo vivido, que se apresenta como campo de nossas percepções e estas constituem o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, sendo também pressuposta por ele. Por tratar-se de um estudo das essências, a fenomenologia é, também, uma filosofia que repõe as essências na existência (MERLEAU-PONTY, 2011).

Desse modo, essa fenomenologia, também conhecida como filosofia da experiência, mostra a possibilidade de olhar as coisas como elas realmente se manifestam, não se preocupando em explicar as suas causas, mas sim em descrevê-las rigorosamente, chegando assim, à essência do fenômeno (MERLEAU-PONTY, 2011).

Todos esses pensamentos levaram Merleau-Ponty à experiência de perceber, chamada de *fenomenologia da percepção*. A experiência perceptiva envolve dois mundos que estão entrelaçados, o mundo sensível, que está relacionado àquilo que não deliberamos, ou seja, nos ocorre independente da nossa vontade; e o mundo da cultura, em que nós estamos imbricados desde o nosso nascimento e direciona as nossas ações. Estes dois mundos estão ligados, pois o que mobiliza os nossos sentimentos é aquilo que aprendemos diante do julgamento social (MERLEAU-PONTY, 2011).

De acordo com o autor, a percepção ocorre por meio do corpo, que tem a ver com a temporalidade, o que nos ocorre no momento. Assim, voltando-nos ao presente estudo, quando lemos as falas transcritas dos familiares de estudantes do ensino médio, retomamos os vividos e nos identificamos; porém, não retomamos as experiências passadas como elas aconteceram exatamente, e sim de forma atualizada e sempre com uma perspectiva do futuro. Nessa perspectiva, Merleau-Ponty afirma que “o porvir ainda não é, o passado não é mais, e o presente, rigorosamente, é apenas um limite, de forma que o tempo desmorona” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 552).

Ao abordar sobre a questão do corpo, Merleau-Ponty nos traz a noção de *próprio*, que está relacionado à temporalidade e à capacidade de nos tornarmos outro, por meio da nossa abertura aos outros seres humanos. À medida que nos diferenciamos, vemos no outro um “outro nós mesmos” e o outro também ver em nós um “outro eu mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2011). O autor aponta cinco dimensões para o corpo próprio, a saber: *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo falante*, *corpo*



*sexuado e corpo do outro*, esboçadas principalmente nos livros *Fenomenologia da Percepção* e *A prosa do Mundo*.

O *corpo habitual* consiste na retomada dos vividos que se apresentam sob um fundo, o hábito, que apesar de ser entendido historicamente como uma repetição, não se trata de um fato que “guardamos” na memória, mas algo que nos ocorre sem planejamento ou deliberação e que acontece sempre de forma modificada (MERLEAU-PONTY, 2012). A noção de corpo perceptivo surge em meio à reflexão sobre a temporalidade, que ocorre como movimento do corpo na atualidade à procura de um passado anônimo, de um não-saber de si. Ao mesmo tempo em que desconhece o que procura, o corpo transcende em direção ao futuro como abertura de possibilidades de vir a ser (MERLEAU-PONTY, 2011).

Para o autor, as coisas percebidas não são objetos cujas leis de constituição detemos, mas certo estilo de desenvolvimento, um processo de elaboração sempre inacabado. Perceber, para ele, “é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre o seu lugar em um horizonte de mundo e consistindo na decifração de colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 93). Nesse contexto, perceber um objeto é intencioná-lo, torná-lo significativo.

O corpo falante se expressa por meio da fala, ‘gesto ambíguo que produz o universal com o singular, e o sentido com nossa vida’, ela extrai de nós, queiramos ou não, significações (SENA, 2006, p. 79). Aos falarmos, por meio de diferentes sentidos, nos entrelaçamos com o outro de tal maneira que chega o momento em que a fala não tem mais um criador. O ser humano tem a necessidade de comunicação, por isso põe a fala em movimento para preencher a sua carência do outro, isso porque a relação com o outro abre possibilidade para a compreensão de nós mesmos e implica em uma relação intersubjetiva (MERLEAU-PONTY, 2012).

O corpo sexuado não está relacionado à experiência sexual, enquanto uso da genitalidade, mas sim à abertura ao *outro eu mesmo*. É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história e é por meio dela que o homem projeta sua maneira de ser a respeito do mundo; quer dizer, a respeito do tempo, a respeito dos outros homens (MERLEAU-PONTY, 2011). A referência ao corpo do outro tem a ver com a presença

dos outros seres humanos em nossas vidas e a comunicação que desenvolvemos ocorre no mundo sensível, no qual não há distinção entre nós (MERLEAU-PONTY, 2012). Nesse sentido, o outro é um ser de generalidade, que aparece como experiência de reversibilidade, ou seja, não se trata de individualidades que se relacionam mutuamente; mas de uma impessoalidade, de um ser anônimo, que se beneficia com a experiência intersubjetiva.

Diante das reflexões conduzidas por Merleau-Ponty em suas obras, confirmamos a adequação desse referencial teórico ao nosso estudo, já que nos preocupamos em conhecer a “Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas” e o filósofo sempre se preocupou em estudar profundamente a percepção, de modo a refletir as relações existentes entre o homem, o mundo e as coisas; o que fundamentou a análise das descrições dos familiares desse estudo.

#### 4. ESTRATÉGIAS USADAS PARA A COMPREENSÃO DOS VIVIDOS

A fenomenologia procura descrever a experiência perceptiva como ela se mostra, sem procurar interpretar ou explicar as causas e efeitos, já que, de acordo com Merleau-Ponty, é em nós mesmos que encontramos a unidade dos fenômenos e seu verdadeiro sentido. Os fenômenos constituem o mundo como o experimentamos, ao contrário do mundo que existe antes de nós, como acreditam os objetivistas, e só pode ser descrito a partir da experiência perceptiva, que ocorre sempre sob o ponto de vista de quem a vivencia (MERLEAU-PONTY, 2011).

Desse modo, produzir conhecimento tem a ver com retomar o mundo vivido, que é a experiência, e reencontrar os fenômenos por meio dos quais o outro e as coisas nos são dados (MERLEAU-PONTY, 2011). A pesquisa realizada para construir essa dissertação é sustentada na fenomenologia de Maurice-Merleau-Ponty, na qual o autor se propôs a descrever os fenômenos como se mostram a partir de si mesmos. A fenomenologia se apresenta como pesquisa de modalidade qualitativa e não se propõe a explicar os fatos ou as coisas, mas a compreendê-los da forma em que se mostram à percepção do pesquisador.

Nessa perspectiva, compreendemos que a produção do conhecimento é uma experiência que jamais se acaba e nunca chegaremos à verdade absoluta acerca das coisas. Porém, é necessária a sistematização do conhecimento, o que procuramos fazer nesse estudo por meio da descrição dos elementos metodológicos que serão apresentados a seguir.

##### 4.1 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário do estudo envolveu as residências dos familiares de estudantes do ensino médio, situadas no município de Jequié, Bahia, Brasil, por se constituírem em locais de fácil acesso e mais comodidade para os participantes; já que não precisariam se deslocar para realizar as entrevistas. Além disso, permitiu que eles se sentissem mais à vontade para responder às perguntas.

O município de Jequié encontra-se localizado a 365 km da capital baiana, na região centro sul da Bahia. Jequié conta com 77 (setenta e sete) escolas municipais que estão distribuídas da seguinte forma: escolas regulares; escola de Associação Jequiense de Cegos (AJECE); creches; Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE); escolas (nucleares) e 23 escolas estaduais, sendo que 10 possuem turmas do ensino fundamental e médio e as demais apenas o ensino médio.

Para sabermos as informações sobre a quantidade de escolas estaduais de Jequié e suas respectivas localizações, recorreremos ao Núcleo Regional de Educação (NRE) da região. Com a lista das escolas em mãos, optamos por uma escola estadual, que oferece turmas apenas para o ensino médio, devido ao nosso interesse em ouvir familiares de estudantes que cursavam do 1º ao 3º ano do ensino médio. Escolhemos a escola que era de fácil acesso para os pesquisadores, visto que havíamos realizado uma atividade de educação em saúde no local há pouco tempo e que um vínculo com a coordenação e alguns professores já havia se estabelecido. Desenvolvemos a pesquisa com os familiares de estudantes do turno matutino, já que neste a quantidade de turmas do ensino médio é maior, contando com 16 turmas (5 turmas de 1º ano, 5 turmas de 2º ano e 6 turmas de 3º ano).

A escola é bem organizada; o espaço é amplo e a infra-estrutura é composta por: quadra de esportes e espaço de estacionamento que ficam logo na entrada do estabelecimento; sala da diretora; sala de mecanografia; secretaria; sanitários masculino, feminino e dos professores; sala dos professores; biblioteca; vestuário masculino e feminino; cantina; auditório; cozinha; laboratório de química; sala de grêmio estudantil; sala de educação física; almoxarifado e um corredor grande, onde os alunos ficam no intervalo das aulas. Todas as salas têm ar condicionado e nos corredores são disponibilizadas três latas grandes, onde é feita a coleta seletiva do lixo. A escola conta com 80 professores e 1.079 estudantes, distribuídos nos três turnos.

A escola fica localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, sendo os alunos que a frequentam de classe média a baixa. Ao conversarmos com a coordenadora sobre a questão do consumo de drogas pelos estudantes, ela nos informou que têm muitos deles que consomem, porém os professores têm dificuldade em abordar esse assunto. Inclusive, uma professora da escola trabalha em um projeto

de intervenção com os familiares dos alunos com o objetivo de abordar a questão do consumo de drogas pelos estudantes, apesar do projeto não está em pleno funcionamento pela dificuldade em reunir os familiares em um dia da semana para a execução das atividades.

#### 4.2 ADENTRANDO O TERRITÓRIO DA PESQUISA

Inicialmente, fomos à escola conversar com a diretora e apresentar a proposta da pesquisa: fomos bem acolhidas por ela, que logo concordou com a realização do estudo. Discutimos sobre a proposta de fazermos uma atividade de Terapia Comunitária (TC) com os estudantes, a fim de promover uma aproximação inicial com eles, para depois entrarmos em contato com seus familiares. Optamos por realizar a TC, pois consiste em uma atividade que propicia a promoção da saúde dos adolescentes. A diretora pediu que fôssemos naquela mesma semana, na sexta-feira, pois se comprometeu em reunir os professores para que apresentássemos a proposta e eles disponibilizassem um horário de aula, já que vislumbrou a possibilidade de que a atividade desenvolvida contasse como carga horária de alguma disciplina.

Assim, fomos à escola e apresentamos a proposta aos professores; porém, percebemos a indisponibilidade deles em cederem um horário para a realização da atividade, pelo fato de terem muitos conteúdos a serem abordados e pouca carga horária de aula. Então, surgiu a proposta de desenvolvermos a atividade em um sábado letivo, sendo que a presença dos estudantes contaria para algumas notas das disciplinas. Agendamos o sábado e fomos de sala em sala, convidando-os a participar. Entregamos uma ficha de inscrição com nome, endereço, série que cursava e número do telefone.

No sábado letivo marcado, às 8h, iniciamos a TC, com aproximadamente 80 (oitenta) estudantes de turmas diferenciadas. A TC deve ser mediada por duas pessoas, sendo que uma coordena e a outra auxilia e é desenvolvida em 6 etapas, a saber: acolhimento; escolha do tema; contextualização; problematização; rituais de agregação e conotação positiva; e, por último, avaliação (SOUZA et al., 2011).

No acolhimento, criamos um clima de aproximação do grupo, deixando os participantes mais descontraídos, por meio de exercícios ou brincadeiras (ZAGO; BREDARIOL; MESQUITA, 2013). Na etapa da escolha do tema, os participantes tiveram a oportunidade de apresentar os problemas ou situações que estavam gerando inquietação e/ou ansiedade; logo após, o grupo se manifestou para escolher, entre os problemas citados, aquele com o qual mais se identificou (JATAI; SILVA, 2012).

Entre os problemas apontados, surgiram: preconceito racial, preconceito com homossexuais, bullying, desemprego, dúvidas sobre a escolha da profissão, falta de confiança dos pais, morar longe da escola, preconceito por não trair a namorada, preconceito com religião, o time de futebol que perdeu e a merenda desagradável oferecida pela escola. Na etapa de escolha do tema, os alunos fizeram uma eleição e escolheram o tema sobre o preconceito com homossexuais. Um estudante que sofria preconceito por ser homossexual contextualizou o seu problema, falando sobre algumas pessoas da escola que não se aproximavam dele pelo fato de ser homossexual, o preconceito que sofria na sua própria família e na igreja que frequentava.

Na fase da contextualização, solicitamos a pessoa cujo tema foi escolhido que explicitasse o seu problema, a fim de detalhar a situação; nesse momento, muitas pessoas fizeram perguntas para um maior esclarecimento da situação e ficamos atentas para captar o depoimento da pessoa escolhida e fazer o MOTE, que consistiu na pergunta chave que permitiu a reflexão do grupo durante a terapia. Neste momento, utilizamos a pergunta: Quem já viveu situação semelhante e o que fez para superar? Com o MOTE, o grupo chegou à fase da Problematização, em que os participantes demonstraram maior envolvimento com o problema da pessoa escolhida e começaram a compartilhar algumas vivências que tiveram relacionadas ao tema, apresentando soluções (JATAI; SILVA, 2012).

Os estudantes fizeram muitas perguntas sobre o problema escolhido e a pessoa que expôs a situação detalhou sua história na fase de contextualização. Em seguida, os demais estudantes falaram sobre vivências semelhantes e as formas de superação, sobretudo, relacionados ao preconceito devido à raça, religião, escolha sexual, por não concordarem em seguir o comportamento de alguns amigos e por serem tímidos. Percebemos que esse foi um momento muito importante, pois além de ser uma

oportunidade para que eles falassem sobre suas vivências, também puderam apoiar os colegas e refletiram sobre o tema do preconceito.

Na fase do encerramento, também chamada de ritual de agregação ou conotação positiva, criamos um clima afetivo para que as pessoas se sentissem apoiadas e alguns participantes expressaram conotações positivas relacionadas à problemática apresentada (ZAGO; BREDARIOL; MESQUITA, 2013). Colocamos uma música que cantava sobre não desistir dos sonhos, duas alunas que estavam com violão cantaram e os demais estudantes que compartilharam seus problemas foram ao centro da roda e receberam um abraço coletivo.

Por último, na fase de avaliação, solicitamos que as pessoas falassem sobre a experiência de participar da TC (JATAI; SILVA, 2012), de modo que os estudantes relataram ter gostado muito da atividade desenvolvida e pediram para que retornássemos outras vezes. Nos despedimos e encerramos a TC, entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sobre a forma de carta-convite para que eles levassem para o familiar responsável por ele junto à escola.

#### 4.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes do estudo foram familiares de estudantes do ensino médio. Para entrar em contato com os participantes, entregamos uma carta convite e o TCLE, após a realização da sessão de TC, de modo que, na semana seguinte, passamos de sala em sala recolhendo os termos assinados. No entanto, tivemos um pouco de dificuldade, vez que alguns estudantes esqueceram o TCLE assinado em casa, demorando até duas semanas, em alguns casos, para conseguirmos recolher todos os termos. Ao término de duas semanas do prazo proposto, conseguimos recolher 20 (vinte) termos assinados pelos pais. Então, entramos em contato com eles pelo telefone indicado no TCLE.

Após ligação para os familiares, houve algumas desistências e impossibilidades, sendo que ao término, 14 familiares aceitaram participar da pesquisa. Assim, agendamos uma visita ao domicílio de cada família, em data e horário propostos por

eles. Nesse ponto, é importante destacarmos que em estudos fenomenológicos não há preocupação com a quantidade dos participantes, uma vez que, partindo da noção de coexistência, esse tipo de estudo não se atém ao critério de saturação dos dados, o qual se baseia na recorrência das informações.

Os critérios de inclusão para a participação no estudo foram os seguintes: ser familiar de estudante (matriculado do 1º ao 3º ano na escola estadual onde desenvolvemos o estudo, sendo que estes deveriam ter idade entre 14 e 18 anos); ter idade acima de 18 anos; ser familiar de estudante que frequentava as aulas no período matutino e ser familiar de discente que participou da TC.

Consideramos a idade dos estudantes de 14 a 18 anos pelo fato de nosso estudo se propor a trabalhar com adolescentes do ensino médio, os quais, comumente, encontram-se nesta faixa etária. Escolhemos os estudantes até 18 anos de idade por seguirmos o Estatuto da Criança e do Adolescente, que classifica como adolescentes as pessoas no limite dessa faixa etária (BRASIL, 2009). Optamos pelo período matutino já que a quantidade de estudantes na escola era maior nesse período, e, conseqüentemente, de familiares, potenciais participantes do presente estudo.

A fim de preservar o anonimato dos participantes, foram atribuídos codinomes de deuses gregos, em alusão de que a droga é algo que existe há milhões de anos, estando presente também na Grécia antiga. Nessa perspectiva, para melhor conhecimento dos participantes da pesquisa, elaboramos um quadro com as suas características.

Quadro 1- Caracterização dos familiares de estudantes do ensino médio participantes da pesquisa (Jequié, 2015).

<b>Codinome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Parentesco com o estudante</b>	<b>Religião</b>
Heféstos	Feminino	53	Parda	Ensino fundamental	Casada	Mãe	Evangélica
Perséfone	Feminino	37	Negra	Ensino superior	Solteira	Mãe	Evangélica



Apolo	Feminino	67	Parda	Ensino fundamental	Solteira	Avó	Evangélica
Poseidon	Masculino	44	Parda	Fundamental incompleto	Casado	Pai	Evangélico
Hera	Feminino	37	Parda	Fundamental incompleto	Casada	Mãe	Evangélica
Atenas	Feminino	32	Branca	Ensino médio	Solteira	Tia	Evangélica
Demétrio	Feminino	51	Parda	Fundamental incompleto	Casada	Mãe	Católica
Cronos	Feminino	49	Branca	Ensino médio	Casada	Mãe	Evangélica
Ares	Feminino	44	Negra	Ensino médio	Casada	Mãe	Católica
Zeus	Feminino	83	Branca	Fundamental Incompleto	Solteira	Avó	Católica
Hebe	Masculino	52	Branca	Ensino médio	Casado	Pai	Evangélico
Eros	Feminino	44	Parda	Superior	Divorciada	Mãe	Evangélica
Artémis	Feminino	48	Branca	Ensino médio	Casada	Mãe	Evangélica
Afrodite	Feminino	53	Negra	Ensino Fundamental	Casada	Mãe	Evangélica

Fonte: Elaboração da autora

Conforme podemos observar no Quadro 1, a maioria dos participantes da pesquisa era do sexo feminino, de idades entre 32 e 84 anos e autodeclarada de cor parda e branca. Quanto à escolaridade, quatro participantes apresentaram ensino fundamental incompleto, três apresentaram ensino fundamental, quatro cursavam o ensino médio e dois o ensino superior. A maioria dos participantes se declarou como casados, evangélicos, sendo que as mães prevaleceram como participantes desse estudo.

#### 4.4 PRODUÇÃO VIVENCIAL

Com a finalidade de obter a descrição vivencial embasada na pergunta de pesquisa, foi utilizada uma entrevista fenomenológica que se caracterizava por ser aberta; o que possibilita ao pesquisador acompanhar os significados que vão emergindo dos discursos dos participantes através da intervenção questionadora do entrevistador, uma vez que o informante pode se dar conta dos significados das experiências que até então eram desconhecidos (CALDAS; MACÊDO, 2011).

Foi entrevistado um familiar de cada vez em sua residência, seguindo um roteiro de questões. A duração das entrevistas não teve tempo estipulado, sendo de acordo com a necessidade do participante. As falas foram gravadas por meio de um equipamento (gravador) e transcritas, posteriormente.

Nesse contexto, a entrevista fenomenológica pretende acessar os vividos das pessoas, já que promove a abertura à escuta e se preocupa em não induzir as falas dos participantes da pesquisa, sempre perguntando se eles gostariam de acrescentar algo. Ela possibilita o envolvimento subjetivo do pesquisador e requer uma disponibilidade de tempo para cada depoimento, pois não tem um tempo limitado ou pré-fixado para as respostas dos participantes (PAULA et al., 2014).

Com essa perspectiva, a entrevista foi iniciada pela seguinte questão disparadora: O que para você representa o cuidado relacionado ao consumo de drogas? No decorrer do diálogo outros temas foram emergindo, entre os quais: Quando você ouve falar no consumo de drogas, o que vem à sua mente? O que você acha que pode contribuir para que uma pessoa se torne viciada em drogas? Qual seria o papel da família para que a pessoa não se torne consumidora de droga? Como é que você vê a questão do consumo de drogas na nossa cidade? Como você vê a questão do consumo de drogas no bairro em que você mora? Você acha que na cidade de Jequié está sendo feita alguma coisa para a prevenção e tratamento do consumo de drogas? Como você vê a questão do consumo de drogas na escola hoje? Para você, qual o papel da escola em relação ao consumo de drogas? Você acha que a família deveria trabalhar em parceria com a escola no que se refere ao consumo de drogas?

#### 4.5 COMPREENSÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

As descrições vivenciais foram compreendidas à luz da *Analítica da Ambiguidade*, técnica desenvolvida para o tratamento de descrições empíricas em estudos fundamentados na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty; assim como, em outros estudos que objetivam compreender a percepção humana, considerando que esta sempre se mostra de forma ambígua (SENA et al., 2010).

O foco da Analítica da Ambiguidade é perceber as ambiguidades que se mostram nos discursos dos sujeitos. Essa técnica advém da perspectiva de que, no momento em estamos lendo as descrições vivenciais, nos ocorre algo que nos é próprio e somos enlaçados por uma experiência que nos traz um mundo tanto estranho, como particular (SENA et al., 2010).

A utilização da *Analítica da Ambiguidade* nesse estudo foi realizada seguindo as seguintes etapas: transcrevemos as falas dos entrevistados, realizamos leituras exaustivas das transcrições, deixamos que os fenômenos se mostrassem em si mesmos. Isso somente foi possível na medida em que as leituras foram nos conduzindo a uma experiência perceptiva, por meio da qual nos reconhecemos como generalidade intercorporal. Ao realizarmos essas etapas, levamos em consideração que, por tratar-se de um estudo fenomenológico, estávamos descrevendo vivências, na tentativa de compreendê-las e não de explicá-las. As vivências, consideradas experiências perceptivas ambíguas envolvem duas dimensões, as quais são a consciência pré-reflexiva e a reflexiva (SENA et al., 2010).

#### 4.6 ASPECTOS ÉTICOS DO ESTUDO

Essa pesquisa constitui-se como resultado parcial de um projeto maior intitulado “Produção de cuidado na rede de atenção à saúde mental na perspectiva da prevenção e enfrentamento da dependência de crack, álcool e outras drogas”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com o número de protocolo: 111/2011. Ainda assim, o presente projeto, para a

realização dessa pesquisa, foi submetido à Plataforma Brasil para inclusão como subprojeto do projeto maior e foi aprovado sob o número de parecer: 989.705 (ANEXO A).

Após a aprovação, iniciamos o trabalho de campo, a partir do esclarecimento completo e pormenorizado aos participantes do estudo sobre a natureza da pesquisa; seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que o estudo pudesse causar; por meio da entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). A pesquisa não acarretou custos financeiros aos participantes, foi mantida a confidencialidade dos dados e o anonimato dos mesmos foi garantida por meio da utilização de codinomes, sugeridos pelos pesquisadores.

Depois de estarem devidamente esclarecidos, os familiares consentiram a participação na pesquisa e a utilização das gravações das descrições para fins acadêmicos, mediante a informação sobre cada etapa, conforme preconiza a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Essa resolução trata de pesquisas envolvendo seres humanos e preconiza o respeito aos princípios bioéticos da não maleficência, beneficência, ausência de riscos e prejuízos, assegurando, desse modo, o anonimato dos participantes (BRASIL, 2013).

## 5. VIVÊNCIAS E AMBIGUIDADES SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS

Esta seção se destina a apresentar os resultados do estudo que se propôs a compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio. Dessa maneira, em atendimento às normas do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, apresentamos a seguir dois manuscritos que integram a dissertação de mestrado.

Os dois manuscritos contemplam, em seus resultados e de forma complementar, o objetivo do estudo. Deste modo, o primeiro manuscrito, intitulado *Expressão de familiares de estudantes do ensino médio sobre o consumo de drogas*, aborda as categorias: Expressão sociocultural frente ao fenômeno “consumo de drogas” e Expressão sensível frente ao fenômeno “consumo de drogas”. O segundo manuscrito, que tem por título *Cuidado relacionado ao consumo de drogas: percepção de familiares de estudantes do ensino médio*, trata da categoria “Compreensão objetivista do cuidado relacionado ao consumo de drogas”. Destacamos que a formatação dos manuscritos atende às normas estabelecidas por cada periódico selecionado para a submissão.

#### 5.1 MANUSCRITO 1: EXPRESSÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O CONSUMO DE DROGAS.

Este manuscrito será submetido à Revista Texto e Contexto e seguiu as instruções para autores, disponíveis no link <http://www.textoecontexto.ufsc.br/disponivel-na-scielo/> consultado em agosto de 2015.

**EXPRESSÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O  
CONSUMO DE DROGAS**

**EXPRESSION OF FAMILIES OF HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT DRUGS  
CONSUMPTION**

**EXPRESIÓN DE LAS FAMILIAS DE ESTUDIANTES DE SECUNDARIA ACERCA  
DEL USO DE DROGAS**

**Resumo:** Estudo fenomenológico com o objetivo de compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio, à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty. Realizado no primeiro semestre de 2015, com 14 familiares de estudantes de escola pública no interior da Bahia, Brasil, por meio de entrevista fenomenológica. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa sob o número de parecer: 989.705/2015. As descrições vivenciais produzidas foram submetidas à técnica *Análítica da Ambiguidade*, que desvelou as categorias seguintes: Expressão sociocultural frente ao fenômeno “consumo de drogas” e Expressão sensível frente ao fenômeno “consumo de drogas”. O estudo contrasta a visão objetivista em relação ao tema, e mostra a necessidade de compreendê-lo em sua ambiguidade e complexidade, para que se possa repensar as políticas e ações intersetoriais para o cuidado humano mais efetivo no contexto do consumo de drogas.

**Descritores:** Drogas Ilícitas; Família; Adolescente; Filosofia em Enfermagem.

**Summary:** phenomenological study aimed to understand how care related to drug use are perceived by families of high school students in the light of the thought of Maurice Merleau - Ponty . Held in the first half of 2015 with 14 families of public school students in Bahia, Brazil, through phenomenological interview. The experiential descriptions produced were submitted to analytical technique of Ambiguity, which unveiled the following categories: sociocultural front Expression to the phenomenon " drug use " and expression sensitive to the phenomenon " drug use ". The study contrasts the objectivist vision of the subject, and shows the need to understand it in its ambiguity and complexity, so that we can rethink policies and intersectoral actions for more effective human care in the context of drug use.

**Descriptors:** Illicit Drugs; Family; Teenager; Nursing Philosophy.

**Resumen:** Estudio fenomenológico objeto de comprender como atención relacionada con el consumo de drogas son percibidas por las familias de los estudiantes de la escuela secundaria a la luz del pensamiento de Maurice Merleau -Ponty. Que tuvo lugar en la primera mitad de 2015, con 14 familias de estudiantes de la escuela pública en Bahia , Brasil , a través de la entrevista fenomenológica . Las descripciones experimentales producidos se sometieron a la técnica analítica de ambigüedad, que dio a conocer las siguientes categorías : Expresión frente al fenómeno sociocultural " consumo de drogas " y la expresión sensible al " consumo de drogas " fenómeno. El estudio contrasta la visión objetivista del sujeto, y muestra la necesidad de entender que en su ambigüedad y complejidad , por lo que podemos replantear las políticas y las acciones intersectoriales para el cuidado humano más eficaz en el contexto del uso de drogas.

**Descritores:** Drogas Ilícitas; Familia; Adolescente; Filosofía en Enfermería.

## INTRODUÇÃO

O consumo de drogas vem se disseminando cada dia mais no meio social, tornando-se um problema que envolve os diversos campos como a saúde pública, a economia, a cultura e a política. <sup>1</sup> Nesse estudo, adotamos o termo droga para nos referir às substâncias consideradas lícitas (álcool e tabaco) e as ilícitas (maconha, cocaína, crack, entre outras).

Os adolescentes têm sido considerados o grupo mais vulnerável ao consumo de drogas, pois essa fase constitui, geralmente, um momento de turbulência no ciclo vital, com desestabilização de valores instituídos, o que pode levar a uma crise existencial. Nessa fase da vida, pode ocorrer tanto ganhos e prazeres como sofrimentos, o que torna o jovem mais vulnerável ao consumo de drogas. <sup>2</sup>

A literatura aponta que a escola tem sido considerada um dos principais locais de vulnerabilidade ao consumo de drogas por adolescentes, uma vez que nela podem entrar em contato com pessoas que as consomem. No entanto, também, pode constituir-se como local de proteção quando, por exemplo, se propõe a realizar atividades educativas com a temática. <sup>3</sup>

Atentando para a vulnerabilidade das pessoas ao consumo de drogas houve importantes mudanças no que se refere às Políticas de Saúde Mental no Brasil, relacionadas à questão, que passaram a ser pensadas segundo a lógica da Estratégia de Redução de Danos



(RD).<sup>4</sup> Esta estratégia tem como foco o fortalecimento de vínculos culturais e comunitários das pessoas vulneráveis e consumidoras de drogas, partindo do pensamento de que o cuidado deve ser realizado no território e em rede.<sup>5</sup>

Sendo assim, a RD consiste na orientação do cuidado que requer o envolvimento dos diferentes atores sociais no contexto do consumo de drogas, entre os quais destaca-se a família. Esta é considerada fundamental na formação dos seres humanos, pois é no núcleo familiar que surgem as relações primordiais ao desenvolvimento do homem.<sup>6</sup>

Estudos têm revelado a família tanto como fator de vulnerabilidade<sup>7,2</sup> como de proteção no que refere ao consumo de drogas.<sup>8-9</sup> Não obstante, entendemos que esses estudos fortalecem a ideia de relação causa e efeito, pautada em teses que sustentam ser as coisas em si mesmas. Compreendemos, ainda, que os fenômenos nunca se revelam à percepção em sua plenitude, mas sempre em perfil e de forma ambígua.

De acordo com o pensamento do filósofo Maurice Merleau-Ponty, que oferece sustentação a esse estudo, a percepção humana constitui uma experiência intercorporal, cuja dinâmica sempre revela diferentes perfis, que envolvem a coexistência de duas dimensões constitutivas do ser humano: a sensível e a sociocultural. A sensível tem a ver com os sentimentos, com algo que é comum a todos os seres humanos, e a sociocultural, construída nas relações sociais no contexto da historicidade.<sup>10</sup> Referencial, este, que contemplou as perspectivas do estudo.

Diante do exposto, o estudo teve como objetivo, compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio. O presente artigo contribuirá com a produção do conhecimento, entre outros aspectos, na medida em que questiona algumas teses que vêm sendo defendidas em torno do assunto e abre possibilidade à percepção do cuidado no contexto do consumo de drogas na perspectiva dialógica e intersubjetiva.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um artigo resultante da Dissertação de Mestrado intitulada “Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas”. O estudo é fundamentado na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, que se ocupa em discorrer, especialmente, sobre a ambiguidade que envolve a experiência da percepção humana, a qual o pesquisador limita-se a descrevê-la conforme se revela sem a pretensão de conseguir explicá-la. O filósofo expõe, de forma profunda, a sua crítica à

incongruência do objetivismo científico e do subjetivismo filosófico em estabelecer as dicotomias: homem-natureza, consciência-mundo, alma-corpo, sujeito-objeto.<sup>10</sup> Esta abordagem foi fundamental à produção de descrições e vivências junto aos participantes de nossa pesquisa, a qual se ateve em desvelar a experiência perceptiva no que concerne ao consumo de drogas.

A pesquisa foi desenvolvida no domicílio de 14 familiares de estudantes de uma escola de ensino médio estadual do interior da Bahia, Brasil, sendo 9 mães, 2 pais, 1 tia e 2 avós; com idades entre 37 à 83 anos. Em relação à escolaridade desses familiares, quatro apresentaram ensino fundamental incompleto, três ensino fundamental, cinco ensino médio e dois ensino superior. No que se refere à escola, cenário deste estudo, esta fica localizada em uma região próxima ao centro da cidade e os estudantes são de classe econômica média à baixa. De acordo com a coordenadora do local, na escola há muitos estudantes que consomem drogas.

A seleção dos participantes da pesquisa obedeceu aos seguintes critérios: ser familiar de estudante (regularmente matriculado no período matutino entre 1º a 3º ano do ensino médio na escola estadual onde o estudo foi desenvolvido, com idades entre 14 e 18 anos). Os familiares, por sua vez, teriam que ter idade acima de 18 anos e ter participado da atividade de Terapia Comunitária realizada na escola como aproximação do campo da pesquisa.

Para a produção das descrições vivenciais foi realizada entrevista fenomenológica<sup>11</sup>, nas residências dos participantes, guiadas por questões abertas relacionadas ao consumo de drogas. As entrevistas ocorreram no período de março a maio de 2015, com duração média de 30 minutos. No sentido de favorecer a transcrição dos conteúdos das falas na sua íntegra, implementamos a tática da gravação em equipamento digital com o consentimento do participante. À medida que as entrevistas procediam realizávamos as transcrições, buscando acompanhar o alcance, ou não, do objetivo do estudo.

Os textos resultantes das entrevistas, que designamos “descrições vivenciais”, foram submetidas à Analítica da Ambiguidade<sup>12</sup>, que consiste em uma estratégia de compreensão de descrições empíricas originárias de estudos de base fenomenológica. Por meio da qual fizemos leituras primoras do material, buscando perceber a relação figura-fundo, que emergia do texto e de suas entrelinhas. Conforme o pensamento dos autores da estratégia, enquanto estamos lendo o material empírico sentimos algo com o qual nos identificamos e “somos capturados por uma experiência inédita que nos faz trazer para o presente um mundo que nos é estranho, mas que, ao mesmo tempo, parece-nos familiar”.<sup>12</sup> Trata-se da presentificação de uma vivência criativa em suspensão de uma tese socialmente constituída,

que aprisiona o sujeito a uma visão objetivista das coisas. Em seguida, procedemos à categorização.

O estudo atendeu os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde no que se refere às pesquisas científicas com seres humanos. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB), segundo o parecer: 989.705/2015. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e para resguardar o anonimato dos mesmos, os identificamos com codinomes de deuses gregos, considerando que a droga se faz presente no meio social desde a antiguidade, na Grécia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo de compreensão das descrições vivenciais dos participantes, com base na Analítica da Ambiguidade, resultou nas categorias temáticas, dentre elas, discutiremos nesse artigo as seguintes: Expressão sociocultural frente ao fenômeno “consumo de drogas”; Expressão sensível frente ao fenômeno “consumo de drogas”. A discussão está sustentada em estudos que versam sobre a temática e no Referencial Teórico Filosófico de Merleau-Ponty.

### **Expressão sociocultural frente ao fenômeno “consumo de drogas”;**

A formulação dessa categoria, embora tenha emergido das falas dos participantes do estudo, foi também inspirada no pensamento de Merleau-Ponty quando discorre sobre a influência sociocultural na construção histórica do ser humano, a partir de seus estudos sobre fenomenologia, especificamente, no que tange à noção de mundo da cultura.<sup>10</sup> O filósofo veio trazer uma nova visão de mundo ao contrastar o naturalismo científico e o subjetivismo cartesiano. Com isso, recusa terminantemente as dicotomias: alma-corpo, consciência-mundo, homem-natureza, sujeito-objeto; se propõe a desconstruir teses na perspectiva de compreender o vivido, em vez de explicá-lo, uma vez que, para a fenomenologia toda explicação é insuficiente.<sup>10, 13</sup>

Nas descrições dos familiares participantes sobre o significado do consumo de drogas, a substância “droga” aparece como uma coisa em si, e é personificada, como um ser capaz de destruir as famílias. A nosso ver, trata-se de um olhar objetivista, resultante da própria construção socioantropológica, que naturaliza a percepção e contribui para a formulação de teses que são incorporadas ao imaginário social, conforme podemos observar a seguir: *O*

*consumo de drogas? Destruição, destruindo as famílias, destruindo quem faz uso (Apolo-avó). [...] Eu creio que para mim é destruição porque, infelizmente, o fim da droga só é a morte e a cadeia, não é? (Artémis-mãe). [...] Destruição, destrói ele próprio, a família (Eros-mãe). As drogas estão matando com tudo [...] (Zeus-avó). Tantas crianças e adolescentes se perdendo nesse mundo das drogas! [...] (Ares-mãe).*

As teses de que a “droga representa destruição”, “é capaz de causar morte” e que “as crianças e adolescentes estão se perdendo no mundo das drogas”, são reflexos da inserção humana no mundo sociocultural ao longo do tempo, o que envolve as crenças, os costumes e os valores. Muitas vezes, não chegamos a refletir sobre determinado fenômeno social que se impõe a nós, mas o repetimos habitualmente conforme aprendemos por meio da mídia, da escola, de outras instituições comunitárias e do próprio meio familiar.<sup>14</sup>

O próprio conceito de droga instituído pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a caracteriza como substância capaz de alterar a consciência e o pensamento, o que parece reforçar a tese de que droga é algo que sempre provoca danos.<sup>15</sup> Esse imaginário social em relação às drogas parece estar relacionado à visão proibicionista que perdura em nossa sociedade. O consumo de drogas ainda é visto como um problema de segurança pública, sendo considerado um ato delituoso que gera violência.<sup>16</sup>

O ser humano é um ser ambíguo e, neste sentido, podem ocorrer-lhe sentimentos de amabilidade e de perversidade. A nossa natureza instintiva nos impulsiona a agir violentamente quando algo nos irrita ou somos ameaçados; não obstante os padrões estabelecidos pela sociedade nos conduzirem à tentativa de controle, mas nem sempre conseguimos, prova disso são os atos violentos que vivenciamos diariamente.<sup>17</sup> Logo, não podemos culpabilizar a droga pela violência que há no mundo.

O estudo mostra que a experiência de consumo de drogas proporciona ao ser humano alguma forma de prazer, o que foi destacado por uma participante como algo que gratifica os adolescentes, algo que eles percebem como bom para si: [...] *E aí a preocupação maior é justamente isso, que as drogas oferecem muitas coisas boas para os adolescentes, que eles acham que são boas, quando na verdade o futuro para quem se inicia mexendo com drogas, eu não digo nem cadeia, é morte (Hebe-pai).*

Parece um contrassenso, mas o estudo nos mobilizou a reconhecer que o consumo de drogas, visto segundo a ótica da promoção de prazer, poderá contribuir para a produção de sentido de vida e de relação. Entendemos que se a relação do ser humano com a droga apenas lhe gerasse danos ele não a manteria ao ponto de estabelecer um vínculo tão forte, chegando ao estado de dependência.

Estudo realizado com consumidores de drogas em tratamento evidencia algumas concepções que eles têm em relação à experiência, por exemplo, representa uma fuga dos problemas familiares e financeiros; é prejudicial à saúde; tem a ver com falta de conhecimento sobre os riscos da dependência; é motivado pela insatisfação com a vida e a busca de prazer; constitui um vício; é mobilizado pela curiosidade e influência de amigos; significa destruição da vida humana em função de uma fraqueza pessoal.<sup>18</sup> Não obstante compreendemos que a nossa análise em relação às falas dos participantes não deve estar pautada nessas categorias de respostas sobre o tema, pois elas nos remetem a um discurso irrefletido, a teses culturalmente formuladas, o que constitui uma visão objetivista.

A descrição da participante Hebe nos chamou a atenção para a ambiguidade da percepção humana em relação aos fenômenos sociais. A droga ora pode ser “boa”, ora pode ser “ruim”, uma vez que o consumo habitual pode trazer danos ao organismo e prejudicar até mesmo as relações sociais das pessoas<sup>19</sup>, mas, também, pode significar uma forma de cuidado, pois nela o ser humano pode encontrar alívio para as suas angústias existenciais, que ocorrem na convivência no mundo.<sup>20</sup>

Zygmunt Bauman, em seu livro “Vida Líquida”, caracteriza a sociedade contemporânea como sociedade líquido-moderna, porque não possui uma forma definida, se desfaz rapidamente. Nesse contexto de intensas mudanças e adaptação aos padrões sociais, o ser humano vivencia sentimentos de incapacidade, insatisfação e angústia, pois há uma valorização do ter em detrimento do ser, da cultura do corpo com seus padrões de beleza que nem sempre se consegue alcançar, e da busca por soluções rápidas para seus problemas<sup>20</sup>, entre as quais se revela o consumo de drogas.

Além disso, a própria condição existencial do ser humano, o reconhecimento de sua finitude provocam-lhe sofrimentos. Merleau-Ponty afirma que o sonho da humanidade é conceber uma “eternidade de vida”. Ou seja, o ser humano não consegue lidar com a finitude, por isso classifica o tempo em passado, presente e futuro na esperança de que sempre haja um porvir. No entanto, de acordo com o filósofo, só existe, de fato, o “aqui e agora”, que tem a ver com o corpo perceptivo, entendido como uma dimensão de nosso ser.<sup>10</sup>

Mediante a temporalidade, o ser humano vivencia experiências na relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. No momento em que dialogamos nos unimos aos outros seres humanos, há a reciprocidade, o que permite afirmarmos que participamos da vida de outrem.<sup>15</sup> Desse modo, o momento em que um grupo se reúne para consumir droga pode significar uma experiência dialógica e de reciprocidade na condição de pares.

O ser humano tem em sua essência a necessidade de sentar-se à mesa e partilhar não somente o alimento, mas o conviver e o dialogar.<sup>15</sup> No entanto, na sociedade capitalista em que vivemos, essa comensalidade vem se perdendo, pois tudo se liquefaz muito rapidamente, inclusive as relações, que são curtas e de interesses. Quase não há tempo para se sentar à mesa, pois não podemos correr o risco de não acompanhar as mudanças na sociedade.<sup>20</sup>

Diante desse contexto, sentimos a necessidade de resgatar o sentido humano da mesa, a convivialidade. Por isso, o momento em que as pessoas sentam para consumir drogas pode ser de prazer, pois resgatam o compartilhar com os semelhantes, seja a substância, ou suas angústias, anseios, histórias de vida.<sup>17</sup>

Assim, alguns espaços de consumo de drogas têm sido considerados como locais que possibilitam o desenvolvimento de relações de afeto e convivialidade, a exemplo das cracolândias. Apesar de ser considerado como um local de extrema vulnerabilidade e risco, estudo demonstrou que algumas pessoas vivenciam nesse local relações de sociabilidade, marcadas pelo prazer e descontração, ligados ou não ao consumo do crack.<sup>22</sup>

Portanto, a reflexão sobre o consumo de drogas nos faz enxergá-lo de forma multifacetada e nos permite viver a experiência do outro-eu-mesmo, entendendo que não há como classificar essa prática como “boa” ou “má” uma vez que, cada pessoa poderá vivenciar a experiência de uma forma singular.

### **Expressão sensível frente ao fenômeno “consumo de drogas”**

Da mesma forma que a primeira categoria, esta, também, surgiu das descrições dos participantes do estudo, mas sustentada na noção merleau-pontyana sobre a experiência sensível, descrita a partir de seus estudos fenomenológicos acerca das vivências dos sentimentos, ou mundo da vida.<sup>10</sup>

A descrição de uma participante revela seu sentimento de tristeza ao configurar o consumo de drogas como elemento determinante da morte de adolescentes. Ela personifica a substância psicoativa (droga) como um ser em si, capaz de tirar a vida de alguém, de fazer com que filhos, ainda jovens, percam suas vidas antes da morte de seus pais: *Eu fico muito triste! Porque as pessoas... eu vejo umas crianças socadas no meio de drogas, perdendo a vida direto por causa de droga...eu me sinto muito triste por isso, não é por causa de outra coisa, porque antigamente era assim, os filhos enterravam os pais e hoje em dia os pais estão enterrando os filhos por causa das drogas, porque as drogas estão matando com tudo (Zeus-avó).*

No entanto, evidenciamos em nossa pesquisa que, no contexto do consumo de drogas, a pessoa tem sido colocada entre parênteses e o foco da atenção voltado à droga em si. As drogas são vistas como vilãs, sendo capazes de “produzirem sofrimento e morte” daqueles que as consomem, e a família, em função dos laços afetivos com seus integrantes, se sente corresponsável por suas atitudes e culpada quando eles estabelecem uma relação habitual com drogas.<sup>23</sup>

Nessa perspectiva, a descrição de Zeus faz perceber que a família associa a droga à violência - tese incorporada ao imaginário social mediante um discurso moralista que orienta a expressão de juízo de valor, que é sempre negativo e gerador de estigma. Este fato tem a ver com a visão sociocultural posta em relação à droga, como objeto de destruição familiar, o que reforça o pensamento merleau-pontyano de que, no universo cultural, as teses incorporadas mobilizam sentimentos e condutas humanas.<sup>10</sup>

Desse modo, de acordo com Merleau-Ponty existem dois mundos entrelaçados em nossa experiência, o “mundo dos sentimentos” e o “mundo da cultura”. O que sentimos está relacionado, tanto com algo que nos é humano e inerente, como, também, com o que aprendemos no meio cultural. Merleau-Ponty afirma que do mesmo modo como a natureza penetra em nossa vida pessoal e liga-se a ela, as nossas atitudes descem da natureza e se depositam nela sob a forma de um mundo cultural.<sup>10</sup>

O ser humano é assim, um ser de abertura ao outro e ao mundo. A experiência de conviver gera trocas, que ocorrem por meio do diálogo e intersubjetividade, o que nos aproxima do nosso semelhante. Mediante a convivência, temos uma experiência mais abrangente de relação para com o outro ser.<sup>24</sup>

Portanto, o consumo de drogas precisa ser pensado não com o foco na substância em si, mas como uma experiência fenomênica do ser humano, que é mobilizada tanto em sua dimensão sensível como na sociocultural que o entorna. Não podemos considerar que existe total relação entre droga e violência. Dentre as diversas facetas que engendram a teia “consumo de drogas” coadunamos com a ideia de que pode ser o reflexo da era moderna em que vivemos, com sua instabilidade econômica, e os transtornos causados por ela, tanto na infraestrutura social, como na organização familiar.<sup>21</sup>

As descrições, a seguir, revelam os diversos sentimentos dos participantes do estudo em relação ao consumo de drogas: dor, terror, pena e preocupação. Estes sentimentos podem ser mobilizados pela forte influência do modelo proibicionista ainda vigente, que considera o fenômeno como uma questão de segurança pública, e que se devem eliminar as drogas consideradas ilícitas, uma vez que altera a ordem social: *É difícil explicar, mas é muito*

*doloroso para mim. É a pior coisa que existe, o pior problema que a família pode ter é isso aí, drogas (Cronos-mãe). Eu... eu temo pelos jovens que estão se acabando, se destruindo, essa palavra, droga, já traz terror (Artémis-mãe). O uso de droga é..., o certo é não usar, não é? Eu tenho pena de quem usa. (Ares-mãe). O que vem a minha mente? Bom, quando vem assim... fala-se em droga, a gente já fica preocupada, já vem falar... meu Deus! Principalmente quando vê assim crianças, não é?(Perséfone-mãe).*

Na perspectiva de lidar com as diversas relações que a pessoa estabelece com a droga, considerando a singularidade de cada ser humano, surge uma nova forma de abordagem: a estratégia de Redução de Danos (RD), cuja aplicação envolve o respeito ao direito de escolha do cidadão, não impondo a abstinência como principal meta do tratamento. A RD tem como foco diminuir, tanto os danos à saúde que a droga pode gerar, como a estigmatização do usuário.<sup>25</sup>

Além disso, a abordagem de RD parte do princípio de que não podemos saber o padrão de consumo de determinada substância mediante suas propriedades farmacológicas, mas por meio da relação entre a droga, o sujeito e o meio social. Ao longo do tempo, as drogas vêm sendo consumidas por todas as camadas sociais, ao ponto de passarem a ser vistas como mercadorias que oferecem grande poder econômico.<sup>20</sup>

Como tal, as drogas passaram a desenvolver um papel social e cultural na história da humanidade; a satisfazer necessidades humanas, sejam utilizadas de forma legal ou ilegal. Portanto, o discurso que demoniza as drogas e as ações proibicionistas não faz com que ela deixe de existir. A “guerra às drogas” não se dirige à substância, mas aos produtores, comerciantes e consumidores, que possuem interesses econômicos atrelados; tem sido deflagrada como instrumento legitimador de perseguição às pessoas de condições econômicas menos favorecidas.<sup>6</sup>

No entanto, tem sido um desafio a implementação da estratégia de RD, uma vez que consiste em uma contra hegemonia ao modelo biomédico. De acordo com o pensamento de Zygmunt Bauman, a visão capitalista moderna pretende adequar os seres humanos aos padrões sociais estabelecidos, no intuito de que elas não possam ir de encontro à opinião dos outros.<sup>21</sup> A ideia proibicionista ainda encontra-se implicada nos discursos dos sujeitos, sendo difícil desconstruir essa visão que a própria mídia procura enfocar como a solução para a questão do consumo de drogas.

A descrição de uma mãe revela o seu sentimento de impotência diante da necessidade de cuidado do filho que consome drogas de forma habitual, o que a deixa bastante apreensiva. Destaca que a convivência com ele gera sofrimento não apenas para ela, mas para outras



pessoas da família: *A gente fica muito apreensiva, tentamos ajudar e não estamos tendo meios, porque na minha família mesmo, tem um sobrinho que é usuário e a gente está sofrendo muito, principalmente minha mãe, está se acabando, é terrível, para quem passa mesmo pelo momento é terrível!* (Ares-mãe)

A descrição mostra que o sofrimento vivenciado pela família decorre não somente do fato de o familiar consumir drogas, mas da falta de suporte à família na situação, o que nos remete à necessidade de se planejar e implementar ações efetivas no âmbito do território que inclua a família em sua convivialidade com integrantes que experimentam a condição.

Chamaram a nossa atenção as descrições que revelaram sentimentos de medo e preocupação dos participantes, ao refletirem sobre a possibilidade de um filho vir a tornar-se consumidor de drogas. No momento em que pensam sobre o assunto, emerge a ideia moralista de evitar que o fenômeno aconteça e a primeira alternativa que conseguem visualizar é discorrer para o filho sobre os efeitos e danos a que estaria sujeito. Vejamos as descrições: *Penso logo no meu filho que está pequeno; então, a única coisa que eu posso fazer é instruí-lo, contar a realidade das drogas para ele poder não cair nessa, como muitos caíram [...]* (Perséfone-mãe). *A gente vê as crianças hoje em dia se envolvendo com drogas... falo assim: meu Deus, poderia ser meu filho, poderia ser minha filha, não é? A gente já fica assim pensando, preocupada, já se coloca no lugar dos pais... meu Deus, esses pais dessas crianças não estão vendo isso, porque infelizmente os últimos a saber são os pais. Às vezes o vizinho sabe, o coleguinha sabe, mas os pais, infelizmente, são os últimos a saberem* (Ares-mãe).

Essa preocupação por parte da família faz sentido, na medida em que se convencionou que ela é a principal instituição social responsável pela construção moral dos filhos, cabendo-lhe o compromisso de formar cidadãos que tenham comportamentos coerentes com a cultura social.<sup>26</sup> Se, por exemplo, uma mãe não se dispuser a esse papel em relação ao filho, estará sujeita a julgamento social como sendo irresponsável, o que pode resultar em sentimento de culpa e ansiedade.

Nesta perspectiva, ocorreu-nos a reflexão de que o medo por parte da família em relação à droga pode não consistir apenas pela preocupação com o sofrimento do outro, mas por um cuidado de si, em função de um dever moral de ter que cuidar, ou seja, há uma preocupação da família com sua reputação social. Além disso, o envolvimento habitual de uma pessoa com drogas, possivelmente, implicará em afetamento ao contexto familiar. No entanto, o homem em sua essência é cuidado e cuida de tudo o que pertence à existência: do mundo, das coisas do mundo, de si mesmos e dos outros homens.<sup>20</sup>

É a nossa humanidade que nos move ao cuidado e tem a ver com o sentimento de coexistência. Ainda que não tenhamos a experiência interna que o nosso semelhante está vivendo, quando compartilhamos sentimentos e atitudes na relação com ele, nos ocorre uma vivência intercorporal.<sup>10</sup> Esse pensamento fortalece a abordagem contemporânea das políticas de saúde mental, cuja lógica é o cuidado humano em sua integralidade, o que inclui a valorização da dimensão social e da sensibilidade.

## **CONCLUSÃO**

O estudo revelou a presença de teses instituídas no meio social em relação ao consumo de drogas relacionada à visão objetivista, já que os familiares enxergam a droga como uma “coisa em si”, capaz de sempre causar danos. Também, demonstrou um novo olhar sobre o consumo de drogas como algo que causa prazer e, portanto beneficia o homem.

Ao nos remetermos ao consumo de drogas percebemos que apareceram descrições relacionadas à dimensão sensível dos participantes, pois eles relataram sentimentos como dor, terror, medo. Esses sentimentos são mobilizados pelo que os participantes aprenderam no meio cultural de que a droga é algo “ruim”, “que causa destruição”. Dessa forma, percebemos que a dimensão sensível e a sociocultural estão entrelaçadas, uma remete a outra.

Nesse contexto, os resultados do estudo evidenciam a necessidade de desconstrução das teses existentes relacionadas ao consumo de drogas no meio social, demonstrando a necessidade de implementação de atividades de educação em saúde direcionadas aos familiares de adolescentes, principalmente no ambiente escolar. Acreditamos que este estudo conseguiu alcançar o seu objetivo e os seus resultados são de extrema relevância para a implementação de estratégias na área da saúde e educação direcionadas ao consumo de drogas.

## **REFERÊNCIAS**

1. Pereira MOP, Silva SS, Oliveira MAF, Vargas D, Colvero LA, Leal BMML. A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2011; 7(3):148-154.
2. Dietz G, Santos CG, Hildebrandt LM, Leite, MT. As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2011; 7(2):85-91.

3. Zeitoune RCG, Ferreira VS, Silveira HS, Domingos AM, Maia AC. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. *Esc. Anna Nery* . 2012 Mar; 16(1): 57-63.
4. Pacheco MEAG. Política de redução de danos a usuários de substâncias psicoativas: práticas terapêuticas no projeto consultório de rua em fortaleza, Ceará [dissertação]. Fortaleza: UECE/Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade; 2013.
5. Forteski R, Faria JG. Estratégias de redução de danos: um exercício de equidade e cidadania na atenção a usuários de Drogas. *Rev.Saúde Públ.* 2013; 6(2):78-91.
6. Rocha AP. Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. *Serv. Soc. Soc.* 2013; 115(4):561-580.
7. Paiva FS, Ronzani TM. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicol.Estud.* 2009; 14(1):177-183.
8. Sanchez ZVM, Oliveira LG, Ribeiro LA, Nappo SA. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciênc. saúde coletiva.* 2010; 15(3): 699-708.
9. Freires IA, Gomes EMA. O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas. *Revista brasileira de ciências da saúde.* 2012; 16(1): 99-104.
10. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
11. Paula CC, Padoini, SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IE. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev. Bras. Enf.* 2014; 67(3): 468-72.
12. Sena ELS, Gonçalves LHT, Granzotto MJM, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Rev. Gaúcha Enferm.* 2010; 31(4): 769-775.
13. Merleau-Ponty M. A prosa do mundo. São Paulo (SP): Cosac & Naify, 2012.
14. Sena ELS, Boery RNO, Carvalho, PAL, Reis HFT, Marques, AMN. Alcoolismo no contexto familiar: um olhar fenomenológico. *Texto Contexto Enferm.* 2011; 20(2):310-8.
15. Organização Mundial da Saúde. Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas (resumo). Genebra, 2004.
16. Araújo ATS, Silva JCS, Oliveira FM. Infância e adolescência e redução de danos/intervenção precoce: Diretrizes para intervenção. *Psicol. Argum.* 2013; 31(72):145-154.
17. Boff L. Virtudes para um outro mundo possível: Comer & Beber Juntos & Viver em Paz. Vol III. Petrópolis: Vozes; 2006.

18. Crives MNS, Dimenstein M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. *Saúde Soc.* 2003;12(2): 26-37.
19. Faria Filho EA. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* 2014; 10 (2): 78-84.
20. Sodelli M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciênc. Saúde Coletiva.* 2010; 15(3):637-644.
21. Baumam Z. *Vida Líquida.* 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2009.
22. Arruda MSB, Soares CB, Adorno RCF. Revisão bibliográfica: o consumo de crack nos últimos 20 anos. *Sau. & Transf. Soc.* 2013; 4(2):157-166.
23. Maciel SC. A importância da família na prevenção às drogas. In D. R. Barros et al (Orgs), *Toxicomanias: Prevenção e Intervenção.* João Pessoa: Universitária-UFPB; 2008. p. 31-43.
24. Boff L. *Virtudes para um outro mundo possível: Convivência, Respeito & Tolerância.* Vol II. Petrópolis: Vozes; 2006.
25. Alves VS, Lima IMSO. Atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas no Brasil: convergência entre a saúde pública e os direitos humanos. *Rev. Disan.* 2013; 13(3):9-32.
26. Sena ELS, Reis HFT, Carvalho PAL, Souza VS. A intersubjetividade do cuidar e o conhecimento na perspectiva fenomenológica. *Rev Rene.* 2011; 12(1): 181-188.

## 5.2 MANUSCRITO 2: CUIDADO RELACIONADO AO CONSUMO DE DROGAS: PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.

Este manuscrito será submetido à Revista Brasileira de Enfermagem e seguiu as instruções para autores, disponíveis no link: <http://www.scielo.br/revistas/reben/pinstruc.htm> consultado em agosto de 2015.

**CUIDADO RELACIONADO AO CONSUMO DE DROGAS: PERCEPÇÃO DE  
FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

**CAUTION REGARDING THE DRUG CONSUMPTION: PERCEPTION OF HIGH  
SCHOOL STUDENTS OF FAMILY**

**PRECAUCIÓN CON RESPECTO AL CONSUMO DE DROGAS: PERCEPCIÓN DE  
FAMILIARES DE ESTUDIANTES DE LA ESCUELA SECUNDARIA**

**Vanessa Thamyris Carvalho dos Santos<sup>1</sup>; Edite Lago da Silva Sena<sup>2</sup>.**

**RESUMO**

**Objetivo:** compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido por familiares de estudantes do ensino médio. **Método:** Trata-se de um estudo fenomenológico, que teve como participantes 14 familiares de estudantes do Ensino Médio de um município do interior da Bahia, no período de março a maio de 2015, mediante entrevista fenomenológica, em domicílio. As descrições vivenciais foram submetidas à técnica *Análítica da Ambiguidade*. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o número de parecer: 989.705/2015. **Resultados:** o estudo mostrou que, para os familiares, o cuidado no contexto do consumo de drogas ainda está pautado na perspectiva moralista, que se contrapõe ao direito à autonomia dos sujeitos para fazerem escolhas. **Conclusão:** o estudo visa a desmistificar teses socialmente construídas sobre o consumo de drogas e possibilita a reflexão sobre a corresponsabilidade dos profissionais da saúde no estabelecimento de parcerias com o setor da educação.

**Descritores:** Drogas ilícitas; Adolescentes; Educação.

**ABSTRACT**

**Objective:** To understand how the care related to drug use is perceived by families of high school students. **Method:** This is a phenomenological study, which was developed with 14 relatives of high school students of an interior city of Bahia, Brazil, from March to May 2015, through phenomenological interview, at home. The experiential descriptions were submitted to analytical technique of Ambiguity. The study was approved by the Research Ethics Committee under protocol number: 989,705. **Results:** the study showed that, for family members, care in the context of drug use is still guided by the moralistic perspective, which is opposed to the individual right to make choices and practice autonomy. **Conclusion:** The study aims to demystify socially constructed thesis about drug consumption and enables the reflection on the responsibility of health professionals to establish partnerships with the education sector.

**References:** Illegal drugs; Adolescence; Education.

**RESUMEN**

**Objetivo :** Para entender cómo la atención relacionada con el consumo de drogas es percibido por las familias de los estudiantes de secundaria. **Método:** Se trata de un estudio fenomenológico, el que participaron 14 miembros de la familia de los estudiantes secundarios en una ciudad en el interior de Bahía, Brazil, de marzo a mayo de 2015, por medio de la entrevista fenomenológica, ocurrida en la casa de los participantes. Las descripciones experimentales fueron sometidos a la técnica analítica de ambigüedad. El estudio fue aprobado por el Comité Ético de Investigación bajo el número de protocolo: 989.705. **Resultados:** el estudio mostró que, para los miembros de la familia, la atención en el contexto del uso de drogas está siendo guiado por la perspectiva moralista, lo que se opone al derecho a la autonomía de las personas para tomar decisiones. **Conclusión :** El estudio pretende desmitificar la tesis socialmente construida sobre el consumo de drogas y permite la reflexión sobre la responsabilidad de los profesionales de la salud para establecer asociaciones con el sector de la educación .

**Descriptor:** Drogas ilícitas; Adolescentes; Educación.

## INTRODUÇÃO

O consumo de drogas, incluído como um dos problemas de saúde pública, tem sido cada vez mais frequente entre os adolescentes <sup>(1)</sup>, grupo considerado vulnerável, em decorrência das vivências de intensas transformações biológicas, cognitivas, sociais e emocionais <sup>(2)</sup>, que podem levá-los à adoção de práticas socioculturais diversas, entre estas o consumo habitual de drogas.

Nesse artigo, trabalhamos com uma noção de vulnerabilidade que leva em consideração a interação de um conjunto de fatores de natureza cultural, biológica, social e epidemiológica no aumento do risco ou diminuição da proteção da pessoa a determinada doença ou agravo à saúde <sup>(3)</sup>. Na perspectiva de descobrir quais são os fatores predisponentes ao consumo de drogas por adolescentes, vários estudos têm sido desenvolvidos.

Um estudo realizado com esse grupo etário, em uma das principais áreas de risco para o consumo de drogas na cidade de Fortaleza-Ceará, Brasil, mostrou que os adolescentes consideram os conflitos familiares e a presença de drogas no ambiente escolar como fator de vulnerabilidade a essa prática <sup>(4)</sup>. Já em Florianópolis-Santa Catarina, Brasil, estudantes de uma escola pública revelaram que consideram o ambiente familiar um local favorável à adoção de práticas prejudiciais à saúde pelos jovens sendo, portanto, vulnerável ao consumo de drogas <sup>(5)</sup>.

Ao mesmo tempo, a família pode ser vista como importante ponto de apoio e equilíbrio para minimização dos riscos e vulnerabilidades aos quais os adolescentes estão expostos <sup>(6)</sup>, assim como a escola pode constituir-se como lugar de encontro e positividade <sup>(5)</sup>.

Além disso, a literatura estudada revela que a família, bem como a escola, pode ser considerada tanto fator de risco como proteção para o consumo de droga<sup>(4-5, 9)</sup>, o que revela que nenhum fator pode ser visto em si mesmo, e que o que determina o grau de risco e/ou proteção é a relação que o adolescente estabelece com cada um deles.

Entendemos que embora o ser humano seja essencialmente cuidado<sup>(7)</sup>, ele tem a sua historicidade, o que permite a singularidade de cada um no modo de vivenciar os contínuos saúde-doença, risco-proteção, cuidado-descuido etc. Logo, é fundamental que os profissionais de saúde, ao planejar e criar estratégias de cuidado levem em consideração os modos de ser cuidado nos diversos contextos socioculturais, o que envolve o reconhecimento de fatores de risco ou vulnerabilidades aos quais estão expostos, bem como daqueles que constituem fatores de proteção.

Ao longo do tempo, foram criadas estratégias de controle para eliminar as drogas e seu consumo nos diversos contextos socioculturais, na perspectiva de uma sociedade livre das drogas, as chamadas medidas proibicionistas, que tem como foco de intervenção a repressão, indução moral e intolerância ao consumo<sup>(8)</sup>.

No entanto, os resultados desse modelo proibicionista não trouxeram repercussões significativas, uma vez que o consumo de drogas continuava aumentando e não havia uma política de saúde efetiva para os consumidores que não conseguiam abster-se ou não queriam fazê-lo. Desse modo, os gestores públicos e profissionais da saúde perceberam que era incoerente se pensar em exterminar as drogas da sociedade, bem como o seu consumo, até porque se tratava de uma prática milenar que coexistia à história humana. Ocorreram importantes mudanças nas políticas de saúde mental, que passaram a ser pensadas conforme a Redução de Danos (RD)<sup>(9)</sup>.

A estratégia de RD se contrapõe ao modelo proibicionista na abordagem ao consumo de drogas e preconiza práticas de saúde que permitam às pessoas realizarem escolhas responsáveis quanto a consumi-las ou não<sup>(3)</sup>. Nesta perspectiva, a escola aparece como um cenário privilegiado para despertar crianças e jovens a desenvolver projetos que lhes abram possibilidades de optar por estilos de vida saudáveis. Considerando as possibilidades de a escola tornar-se uma área de vulnerabilidade ao consumo de drogas, torna-se necessário desenvolver ações de promoção da saúde e de RD com adolescentes no contexto escolar<sup>(10)</sup>.

Alguns estudos têm justificado o fato de os adolescentes estarem em maior contato com as drogas na escola, por conta das relações de amizade que eles constroem nesse ambiente, o que é justificado pelo fato de, na adolescência, os amigos exercem grande



influência em suas escolhas, compartilhando normas e costumes sociais, entre eles o ato de consumir drogas<sup>(2, 8)</sup>.

No entanto, considerar a amizade como fator de influência ao consumo de drogas tem se constituído uma tese, há muito tempo, sustentada em nossa sociedade e, portanto, se apresenta como uma visão objetivista de que sempre existe um culpado para a relação que a pessoa estabelece com substâncias consideradas psicoativas. A nosso ver, os motivos que levam alguém a consumir drogas escapam a qualquer tentativa de explicação.

Em meio à complexidade do fenômeno “consumo de drogas”, a escola pode constituir-se como local de cuidado, quando se propõe a desenvolver um ensino problematizador, que desperte o interesse do estudante, trabalhando com diversas temáticas atreladas a seu contexto sociocultural e ajudando-os a construir projetos de vida. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação preconiza que os estabelecimentos de ensino devam desenvolver atividades direcionadas a diversos assuntos, o que inclui o tema drogas, articulado com a família e comunidade<sup>(11)</sup>.

Nesta perspectiva, trabalhar com a temática “família” e “consumo de drogas” constitui iniciativa de relevância para subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas no campo da saúde mental. Estudo realizado em nosso meio evidenciou que as famílias atribuem à droga um caráter nocivo, considerando-a como elemento que contribui para a “destruição” da estrutura familiar e dos vínculos de convivência<sup>(12)</sup>.

Desse modo, apontamos a necessidade de realizar estudos relacionados à percepção de familiares de estudantes sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas, pois, ao realizarmos uma revisão de literatura sobre a temática, percebemos que, a maioria dos estudos se propõe a validar e explicar as teses já constituídas sobre o tema, tais como: sempre existe um culpado pelo consumo de drogas; e, a droga em si tem alta capacidade para causar danos.

O estudo teve como questão norteadora: como os familiares de estudantes de ensino médio percebem o cuidado relacionado ao consumo de drogas? E o seguinte objetivo: compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido por familiares de estudantes do ensino médio.

## **METODOLOGIA**

Este artigo consiste em um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas”. Trata-se de uma pesquisa fundamentada na fenomenologia de Maurice Merleau-

Ponty; e mais centradamente no referencial acerca do corpo próprio, que, segundo o autor, é muito mais do que simplesmente a estrutura anatomofisiológica, consiste em uma abertura para o mundo por meio dos sentidos. Nesse contexto, ele classifica o corpo como: *corpo habitual, corpo perceptivo, corpo falante, corpo sexuado e corpo do outro* <sup>(13)</sup>. Para fins do presente estudo discutiremos o *corpo sexuado*.

A pesquisa foi realizada nos meses de março a maio de 2015, em domicílios na cidade de Jequié, Bahia, Brasil. Os participantes do estudo foram 14 familiares de estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual localizada em um bairro próximo à região central da cidade, que agrega estudantes de classes média e baixa.

Segundo relato da coordenadora, nessa escola há muitos casos de estudantes que consomem drogas e, embora, haja um projeto direcionado à questão, com uma proposta de intervenção junto à família, o mesmo não está sendo executado, devido às dificuldades para construção de parcerias e adesão às solicitações da escola.

Os participantes, mães, pais, avós e tias apresentaram faixa etária compreendida entre 37 e 83 anos, sendo 12 mulheres e 2 homens, alguns residentes na comunidade em que a escola está inserida e outros em pontos diferentes da cidade.

Os procedimentos prévios para a execução do projeto ocorreram com os seguintes passos: visita à escola para reconhecimento do campo de estudo; apresentação à diretora da escola, tanto do projeto de pesquisa, quanto da proposta de realização da Terapia Comunitária (TC) <sup>(14)</sup> para a integração com os estudantes; realização da TC e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos estudantes para obtenção de anuência formal de seus familiares para participar do estudo; recolhimento dos 14 TCLE assinados; contato telefônico com os familiares para confirmar sua participação na pesquisa e possível agendamento das entrevistas.

Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram os seguintes: serem familiares de estudantes do ensino médio (entre 14 e 18 anos, matriculado do 1º ao 3º ano na escola estadual onde desenvolvemos o estudo; frequentassem as aulas no período matutino); terem idades acima de 18 anos; e serem familiares de estudantes que participaram da TC.

As descrições vivenciais foram produzidas mediante a entrevista fenomenológica individual, com base em 10 questões disparadoras relacionadas ao objetivo do estudo; com duração de, em média, 30min, com o suporte do gravador de voz. Essa técnica caracteriza-se como entrevista face a face, na qual o entrevistador e o entrevistado se encontram e estão sujeitos às influências verbais e não verbais <sup>(15)</sup>.

As entrevistas foram transcritas e os textos resultantes foram submetidos à técnica *Analítica da Ambiguidade*. Essa técnica parte do princípio de que no momento da leitura das descrições vivenciais podemos perceber algo com o qual nos identificamos, seja na semelhança ou na diferença e, com isto, a vivência do irrefletido (sensível) torna-se reflexão (pensamento, linguagem). Seguem-se as etapas: realização de leitura primorosa das descrições; identificação de teses que sustentam a objetificação das coisas como um em si; percepção de expressões que revelam ambiguidades e que se caracterizam como perfis de um todo que se impõe a nós como experiência fenomênica<sup>(16)</sup>.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob parecer de nº 989.705 e seguiu todos os preceitos éticos preconizados pela Resolução nº 466/2012 que direciona as pesquisas com seres humanos<sup>(17)</sup>. Para resguardar o anonimato dos participantes, os identificamos com codinomes de deuses gregos fazendo alusão ao fato de que as drogas estão presentes na história do homem desde a antiguidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados e discussões que serão apresentados a seguir se referem à categoria temática “Compreensão objetivista do cuidado relacionado ao consumo de drogas”, que constitui uma das categorias emergentes do processo compreensivo das descrições vivenciais dos participantes, mediante o nosso olhar com base na técnica Analítica da Ambiguidade. A discussão fundamentou-se no referencial teórico de Merleau-Ponty e em autores que versam sobre o tema do estudo.

### **Compreensão objetivista do cuidado relacionado ao consumo de drogas**

A formulação dessa categoria ocorreu-nos a partir da leitura das descrições dos participantes acerca da visão que eles revelaram sobre elementos socioculturais que acreditam ser determinantes para o consumo de drogas. Embora nas entrevistas buscássemos instigá-los a falar sobre o cuidado nesse contexto, tendiam a discorrer sobre o tema “consumo de droga” situando-o em uma perspectiva causa-efeito, o que nos conduziu a perceber, nas descrições, a sustentação de duas teses: “as amizades são capazes de induzir ao consumo de drogas”; e “a escola como lugar que influencia o consumo de drogas”.

Merleau-Ponty é um filósofo que refuta terminantemente a dicotomia sujeito-objeto, ou seja, o objetivismo. Esse ponto de referência do filósofo foi essencial para nossa leitura e

compreensão das descrições. O autor desenvolve todo o seu pensamento atraindo os leitores a admitirem a noção de intersubjetividade, entendendo que entre nós, as coisas e os outros, há uma generalidade intercorporal, algo que nos é comum <sup>(12)</sup>. No entanto, paralelamente, o objetivismo científico exerce intensa influência sobre a construção social da humanidade, fazendo-a defender a objetificação e a fragmentação do mundo.

Portanto, à luz do pensamento de Merleau-Ponty, percebemos que não obstante aparecer nas descrições uma visão objetivista, de certa forma, a família também expressa a perspectiva de cuidado, conforme podemos ver, a seguir, na revelação das participantes do estudo sobre a importância do exercício da vigilância em relação às amigas para evitar o consumo de drogas:

*Eu acho que os pais têm que estar mais presentes, sempre olhando as amigas, porque é isso que vai desviando o caráter do filho da gente, então primeiro os pais têm que estar sempre acompanhando os filhos, olhando as amigas (Zeus-avó).*

*Eu acho que a gente tem que ter cuidado com os filhos, principalmente em amigas, porque hoje em dia as pessoas se contaminam mais com drogas por causa de amigos; não deixar os filhos na rua por aí com certos tipos de amigas que já usam (drogas), porque aí fazem a cabeça da criança, do nosso filho, então, passa a viciar na droga. (Atenas-mãe).*

Nessas descrições, a noção de cuidado aparece sob a perspectiva de proteção, os participantes entendem que os familiares devem estar vigilantes com relação aos filhos para evitar que eles tenham contato com grupos de risco. No entanto, se atentarmos para a perspectiva de cuidado das políticas de saúde mental, esse pensamento da família estaria na contramão. A estratégia de RD, que se constitui a lógica dessas políticas, tem como orientação primordial o reconhecimento de que não é possível uma sociedade sem drogas, logo, a tentativa dos pais de evitar o contato dos filhos com as drogas não procede, tratando-se de uma tentativa fadada ao fracasso.

Os argumentos das participantes em relação ao cuidado dos filhos para evitar o contato com drogas nos remetem à crítica da perspectiva de se trabalhar a prevenção primária às drogas segundo a abordagem proibicionista, uma vez que, não é possível “decidir e definir” os comportamentos mais adequados e “corretos” para as pessoas, ao contrário, é preciso compartilhar com elas “possibilidades de escolhas mais autênticas, mais livres, diminuindo vulnerabilidades” <sup>(18)</sup>.

Deste modo, o estudo se propõe a desconstruir a tese da prevenção ao consumo de drogas, sustentada pelas participantes ao afirmar que, como as amigas constituem-se como

um elemento que induz os adolescentes ao consumo, os familiares devem lançar mão de estratégias que os afastem dos amigos. Esta tese em relação às amizades parece ter sido incorporada ao imaginário social como resultado das relações intersubjetivas desenvolvidas no dia a dia e até mesmo do que os meios de comunicação veiculam sobre o assunto.

Nessa perspectiva, surge a reflexão de que não podemos reduzir as relações de amizade a um fator “determinante” para o consumo de drogas, pois de acordo com o pensamento merleau-pontyano, nós somos uma carne porosa, e esses poros tornam inevitável a nossa interação com o outro, com o mundo e com as coisas, o que implica em dizer que estamos sempre abertos à intersubjetividade; a carne consiste, exatamente, no corpo próprio em ação, o que envolve a experiência perceptiva, cuja operação ocorre mediante o conjunto dos sentidos em interação com os estímulos socioculturais<sup>(13, 19-20)</sup>.

Sendo assim, o nosso corpo, designado pelo filósofo de corpo próprio, é muito mais do que uma estrutura anatômica e fisiológica, corresponde a nossa abertura às relações no mundo, por meio dos sentidos; estas relações são sempre entrelaçadas por ambiguidades que se mostram a todo o momento. O autor apresenta o corpo sexuado (sexualidade) como uma das dimensões do corpo próprio, e nos permite inferir que ele só se torna ambíguo na experiência sexual. O corpo sexuado corresponde a nossa experiência afetiva nas relações com o outro e na busca da satisfação; o sentimento que nos afasta ou nos aproxima na condição de humanos<sup>(13)</sup>.

No entanto, as participantes Zeus e Atenas demonstraram uma visão estigmatizadora em relação às amizades dos adolescentes com pessoas que consomem drogas. Na fala de Atenas, o consumo de drogas é tido como um “mal contagioso”, é como se houvesse a presença de um microorganismo (a droga) e de um agente transmissor (as amizades), a doença em si seria a “dependência química”. A relação de transmissão da “doença” tem a ver com o contato, nesse caso, com as amizades, que podem persuadir o adolescente ao consumo. Logo, as mães entrevistadas acreditam que se os amigos são “dependentes químicos” e se os seus filhos conviverem com eles serão “contaminados”.

As descrições apontam para o fortalecimento do modelo biomédico, cujo foco é o diagnóstico, o tratamento farmacológico e a internação. Considerar o consumo de drogas como uma “doença” é concordar com a classificação médico-hegemônica descrita na 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - V), da Associação Psiquiátrica Americana, que inclui a “dependência química” como doença<sup>(21-22)</sup>.

Ao refletirmos sobre o pensamento merleau-pontyano acerca da experiência perceptiva, chegamos à compreensão de que a transmissão de uma doença constitui experiência fenomênica, pois é algo que ocorre independente da nossa vontade, sem que planejemos. E, assim como não conseguimos explicar a ocorrência dos fenômenos, jamais conseguiremos chegar à explicação dos motivos que levam uma pessoa a consumir drogas, uma vez que os fenômenos escapam a qualquer tentativa de explicação; eles sempre se mostram em perfil, embora arrastem consigo muitos outros<sup>(13)</sup>.

Deste modo, percebemos que o perfil que se mostra como descrição das mães participantes do estudo em relação ao cuidado no que se refere ao fenômeno “consumo de drogas”, retrata o modelo proibicionista, que tem como requisito ao tratamento da dependência química a abstinência da substância psicoativa (droga) e a exclusão de seus consumidores do meio social<sup>(23)</sup>.

Este modelo contribui para o aumento do estigma das pessoas que optaram por consumir drogas de forma habitual como um ser perigoso, doente ou que vive praticando delitos. Conforme podemos observar na descrição de Zeus:

*É muito garoto aí que a gente vê que é drogado mesmo, gosta da droga, nada segura pra ele não usar, vive fazendo besteira pelo mundo afora (Zeus-avó).*

No entanto, o modelo proibicionista vai de encontro ao que preconiza o atual paradigma psicossocial de cuidado às pessoas que consomem drogas de forma habitual, o qual opera mediante a estratégia de RD, cujas práticas de saúde visam a diminuir os agravos gerados pelo consumo de drogas e sensibilizar as pessoas a fazerem escolhas responsáveis, relacionadas à prática; além disso, não preconiza a abstinência como requisito ao tratamento<sup>(24)</sup>.

Porém, as pessoas, de um modo geral, parecem estar bem distantes de compreender e acreditar no modelo psicossocial sustentado pela lógica da RD, o que vem oferecendo dificuldades na sua implementação. A nosso ver, um dos aspectos que levam a tal descrédito são as teses culturalmente construídas que objetificam a droga como sendo em si mesma, sempre capaz de provocar danos; e, também, os consumidores como pessoas que devem ser excluídas do meio social.

As descrições desvelaram que os participantes reconhecem a escola como um espaço privilegiado de criação de vínculos e amizades, que também pode constituir-se em um risco para os adolescentes iniciarem o consumo de drogas. A nosso ver, e com base no referencial

teórico que adotamos, essa visão constitui apenas um perfil que se mostra à percepção, porém, quando aprofundamos o olhar, na perspectiva figura-fundo, compreendemos que a aproximação de adolescentes com grupos distintos na escola pode corresponder à busca por suprimento de uma das necessidades humanas fundamentais – a interação social, que ocorre por meio do diálogo e da intersubjetividade. Vejamos as descrições que se seguem:

*A criança vai à escola, se envolve, se relaciona com outros tipos de pessoas que, na verdade, não têm os mesmos valores que tem as crianças que a gente cuida. Então, a gente cria de um jeito, vai para a escola, já se envolve com outras pessoas, já se relaciona com outros coleguinhas, panelinhas [...] (Perséfone-mãe).*

*A questão na escola é a mesma coisa de sempre, primeiro tem que a família conversar e a pessoa colocar na cabeça que amizade não é tudo. Quando um amigo falar: vamos ali. Não, não vou, não quero, para nem começar a usar drogas (Atenas-tia).*

Estas descrições revelam uma visão moralista e preconceituosa dos participantes, ao expressarem sua preocupação com os filhos no ambiente escolar, diante da possibilidade do envolvimento deles com grupos de colegas que acreditam constituir um risco ao consumo de drogas. Embora sinalizem uma possível construção de valores por parte da família na condução dos filhos, esses valores não parecem tão sólidos, uma vez que as crianças e adolescentes, quando se aproximam dos grupos tendem a ceder à persuasão deles e reproduzirem seus comportamentos de risco.

Ao certo é que não se deve atribuir a vulnerabilidade de crianças e adolescentes ao consumo de drogas na escola às amizades em si mesmas. É preciso compreender o fenômeno segundo uma perspectiva multifacetada; entender que crianças e adolescentes poderiam não se envolver com drogas no espaço escolar se houvesse um ensino conectado com o seu cotidiano e uma prática pedagógica libertadora, capaz de motivá-los e despertá-los para o interesse pelos estudos e para a construção de projetos de vida mais saudáveis. A continuidade de um ensino-aprendizagem desprovida de criatividade e motivação poderá levar os estudantes a distintas relações e vínculos na própria escola, unindo-se a grupos de vulnerados (“amizades”, grupos com comportamento de risco).

Nessa perspectiva, refletimos a crítica ao modelo atual de ensino que se propõe a formar pessoas somente para o mercado de trabalho, em uma tentativa de corresponder aos ideais de globalização que enfatiza a comercialização da educação, que faz com que pessoas que têm condições econômicas invistam em cursos e capacitações de formação profissional, enquanto aquelas que não têm são excluídas, aumentando as divisões econômicas e sociais

entre uma elite “instruída” e “capacitada” e o restante da força de trabalho que não tem especialização, os “marginalizados”<sup>(24)</sup>. Para o autor, a educação não exerce a sua função principal, que é modificar a realidade social das pessoas e despertar o senso crítico para as problemáticas que estão à sua volta.

Assim, reafirma o potencial da educação para formar pessoas críticas, modificadoras de sua realidade social<sup>(25)</sup>. Para isso, o educador precisa desenvolver um trabalho de formação de sujeitos indagadores, em constante processo de busca e descoberta das coisas, de modo a estar inserido na história como sujeito e não objeto e, para que isso ocorra, o professor precisa investigar o universo temático dos estudantes e abordar estes temas em forma de conteúdos<sup>(26)</sup>.

Nesse sentido, o Ministério da Educação (MEC), no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, propõe um conjunto articulado e aberto de novos temas, os quais devem perpassar as diferentes disciplinas do Currículo Escolar. A proposta é oferecer uma educação comprometida com a cidadania, elegendo algumas temáticas como: saúde, violência, drogas, preconceitos, meio ambientes e outros de relevância social<sup>(27)</sup>.

Porém, percebemos que na escola ainda há um déficit em relação à abordagem de temas como o consumo de drogas, e quando o fazem é de forma descontextualizada da realidade do estudante ou com caráter proibicionista, explicitando a ideia de um mundo livre das drogas. Diante dessa realidade, os participantes do estudo apontaram a necessidade da escola trabalhar a temática “drogas” no cotidiano dos estudantes utilizando técnicas; tais como palestras, projetos, debates, conforme evidenciamos nas descrições:

*A escola tem que promover campanhas, ter um diálogo dentro da sala, debates que os alunos fiquem conscientes e cientes de tudo o que a droga provoca [...] (Atenastia).*

*Se tivesse um trabalho, assim, bom nas escolas, os alunos não se envolveriam com drogas [...] (Ares-mãe).*

*Promover palestra com os pais, professores, todo o corpo docente e também, no momento eu nunca vi, como eu te falei, fazer visitas nas casas, visita em domicílio, para saber de onde aquele aluno vem, qual a estrutura da família (Poseidon-pai).*

Entretanto, estudo realizado no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, com adolescentes de escolas do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada, demonstrou que a maioria dos estudantes teve uma percepção negativa das atividades relacionadas ao tema



drogas de caráter apenas informativo, pois trazem uma visão alarmista em relação aos danos causados pela droga, tentando fazer com que as pessoas rejeitem o consumo, por meio do medo. O estudo ressaltou a necessidade das práticas educativas serem realizadas nas próprias aulas, por meio de um ensino contextualizado com a realidade dos estudantes estimulando-os a ter uma consciência crítica em relação às suas escolhas<sup>(28)</sup>.

Deste modo, uma escola com o ensino contextualizado é capaz de despertar o interesse dos estudantes para a construção do conhecimento, levando-os ao empenho pelo processo ensino-aprendizagem e contribuindo para a busca de seus interesses. Ademais, os educadores poderão orientar os adolescentes a se envolverem em grupos que possam favorecer o desenvolvimento de projetos de vida e felicidade<sup>(4)</sup>.

Estas reflexões nos levam a argumentar que a questão em foco não se limita ao fato dos adolescentes estabelecerem interações com os grupos sociais, pois se trata de uma necessidade psicossocial inerente ao ser humano. Logo, a aproximação com o grupo e criação de vínculos de amizade podem não ter a perspectiva de acesso à droga, mas de desenvolver experiências intersubjetivas que atendam às demandas de expressão e proporcionem vivências prazerosas.

Concordamos com a descrição merleau-pontyana de que o ser humano vive em constante busca de experiências prazerosas que ultrapassam a satisfação sexual como genitalidade. O prazer e a sexualidade destacados pelo filósofo se exprimem por meio das escolhas que fazemos pelas coisas, pelo outro e pelo mundo. Desse modo, quando os adolescentes buscam os vínculos de amizade é porque sentem necessidade de interagir, de estar com o outro. Nas experiências intersubjetivas o ser humano vivencia, ao mesmo tempo, a sensibilidade e a sociabilidade mediante a abertura ao outro eu mesmo, e tudo então passa a ter um sentido, uma história<sup>(13)</sup>. Entendemos, então, a busca por amizades como uma necessidade do outro, que sempre existiu e irá existir, já que o ser humano, em si, necessita de relações dialógicas para viver.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo sobre a percepção de familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas desvelou vários perfis sobre o tema. Entre outros aspectos, que o cuidado consiste, basicamente, em afastar os adolescentes de possíveis “amizades” na escola caracterizadas como grupos de risco ao envolvimento com drogas.

A nosso ver, tal percepção consiste em uma tese construída no meio sociocultural, e que é sustentada, não apenas no domínio do senso comum, mas no meio acadêmico e científico, especialmente em estudos com perspectivas objetivistas, nos quais se podem constatar concepções dicotômicas como: mente-corpo, consciência-mundo, sujeito-objeto.

Portanto, acreditamos que o estudo representa um importante passo para a desmistificação de teses construídas em relação ao consumo de drogas por adolescentes no contexto escolar, uma vez que o fenômeno vem aumentando a cada dia, e os familiares não se encontram preparados para lidar com a situação. O estudo poderá contribuir como fonte de conhecimento à elaboração de estratégias de cuidado direcionadas ao público em questão.

Ademais, o estudo abre possibilidades à reflexão sobre a corresponsabilidade dos profissionais da saúde no sentido de estabelecerem parcerias com o setor de educação, especialmente por meio da implementação de projetos que visem à capacitação de professores no que refere ao tema, utilizando metodologias ativas, com incentivo e orientação à adoção de práticas pedagógicas que primem pela contextualização da realidade sociocultural dos estudantes.

Dessa forma, reiteramos o papel da escola como um espaço privilegiado na formação de opinião dos adolescentes e de construção do conhecimento. Esperamos com esse estudo despertar a atenção de gestores, diretores pedagógicos e professores da escola para a necessidade de desenvolver o tema “drogas” de forma transversalizada nas diversas disciplinas que compõem o currículo escolar, por meio de metodologias ativas, que problematizem o cotidiano vivenciado pelos estudantes, de modo a desconstruir o caráter proibicionista de “guerra às drogas”, e valorizar a autonomia do sujeito.

## **REFERÊNCIAS**

1. Cardoso LRD, Malbergier A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicol. Esc. Educ.* 2014 Jan - June; 18(1): 27-34.
2. Bernardy CCF, Oliveira MLF. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Rev. Esc. Enf USP.* 2010 Mar; 44 (1): 11-7.
3. Alves VS, Lima IMSO. Atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas no Brasil: convergência entre a saúde pública e direitos humanos. *Rev. Direito Sanit.* 2013 Nov-Feb; 13(3): 9-32.
4. Costa AG, Camurça VV, Braga JM, Tatmatsu DIB. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. *Physis.* 2012 Apr-June; 22(2): 803-19.

5. Giacomozzi AI, Itokasu MC, Luzardo AR, Figueiredo CDS, Vieira M. Levantamento sobre Uso de Álcool e Outras Drogas e Vulnerabilidades Relacionadas de Estudantes de Escolas Públicas Participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Florianópolis. *Saúde Soc.* 2012 July-Sept; 21 (3): 612-22.
6. Malta, D.C. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Rev Bras Epidemiol.*, 2011 Fev; 14(1) 166-77.
7. Heidegger M. Ser e tempo. Rio de Janeiro: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco; 2006.
8. Lopes GT, Bernardes MM, Ribeiro APLP, Belchior PC, Moreira DL, da Silva FR. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. *Esc. Anna Nery.* 2014 Jun; 18(2): 202-08.
9. Dietz G, Santos CG, Hildebrandt LM, Leite MT. As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. **SMAD.** *Rev. eletrônica saúde mental alcool drog.* 2011 Ago; 7 (2): 85-91.
10. Zeitoune RCG; Domingos AM, Ferreira VS, Maia A C, Silveira HS. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. *Esc. Anna Nery.* 2012 Jan-Mar; 16 (1): 57-63.
11. Congresso Nacional (BR). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
12. Medeiros KT, Maciel SC, Sousa PF, Tenório-Souza FM, Dias CCV. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. *Psicol. estud.* 2013 Abr - Jun; 18(2): 269-79.
13. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
14. Zago FC, Bredariol ACP, Mesquita DP. A aplicação da Terapia Comunitária na intervenção com adolescentes: novas estratégias de prevenção e promoção. *Cad. Ter. Ocup.* 2013 Mar; 21(2): 361-71.
15. Paula CC, Padoin SMM, Terra MM, Souza IEO, Cabral IE. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev. Bras. Enferm.* 2014 Mai-Jun; 67(3): 468-472.
16. Sena ELS, Gonçalves LHT, Muller Granzotto MJM, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da Ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Rev. Gaúch. Enferm.* 2010 Dez; 31(4):769-75.
17. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
18. Sodelli M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciênc. saúde coletiva.* 2010;15 (3): 637-44
19. Merleau-Ponty M. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
20. Merleau-Ponty M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2007.

21. American Psychiatric Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
22. Organização Mundial da Saúde. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
23. Machado LV, Boarini ML. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. *Psicol. Cienc. Prof.* 2013; 33(3): 580-595.
24. Ministério da Justiça (BR). Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 5ª ed. Brasília: SENAD, 2013.
25. Bauman Z. *Vida Líquida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
26. Freire P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
27. Ministério da Educação (BR). Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, 1999.
28. Adade M, Monteiro S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. *Educ. Pesqui.*, 2013 Jan-Mar;40(1)215-30.

## 6. REFLEXÃO PARA UM RECOMEÇO

O estudo, cujo objetivo foi compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes do ensino médio, permitiu desvelar, segundo a ótica de Maurice Merleau-Ponty, diferentes perspectivas em relação à temática. A evidência dessas perspectivas se mostrou, inicialmente, sob a forma de teses socialmente construídas em relação ao objeto de nosso estudo.

O processo de compreensão das descrições vivenciais dos participantes, mediante a *Analítica da Ambiguidade*, resultou na configuração de três categorias temáticas, a saber: Expressão sociocultural frente ao fenômeno “consumo de drogas”; Expressão sensível frente ao fenômeno “consumo de drogas”; e Compreensão objetivista do cuidado relacionado ao consumo de drogas.

Na primeira categoria, abordamos sobre o significado que os familiares pesquisados atribuem ao fenômeno consumo de drogas. Eles personificam a substância (droga) como um objeto em si que é capaz de destruir as famílias. Este olhar dos familiares retrata uma visão objetivista acerca da temática, o que parece ser resultado da construção socioantropológica dessas pessoas em relação ao assunto, que contribui para a naturalização da percepção e para a formulação de teses, como as evidenciadas neste estudo.

O olhar em relação ao consumo de drogas por parte dos familiares pesquisados se mostrou atrelado ao modelo proibicionista, que trata o fenômeno como uma questão de segurança pública, uma vez que se acredita que as substâncias psicoativas consideradas de uso ilícito trazem terror e, por isso, devem ser eliminadas.

Na segunda categoria discorremos sobre os diversos sentimentos revelados nas descrições dos participantes quando os abordamos sobre o tema do estudo. À luz de Merleau-Ponty, relacionamos essa categoria ao que o filósofo designa como dimensão humana sensível, que tem a ver com a própria noção de fenômeno, ou seja, uma vivência que se impõe a nós, independentemente de nossa vontade. Por exemplo, ao refletir sobre a possibilidade de seus familiares consumirem drogas, os participantes falaram de: medo, terror, preocupação, dentre outros sentimento.

Ademais, o estudo mobilizou-nos a reconhecer que o consumo de drogas, se percebido segundo a ótica da promoção de prazer, poderá contribuir para a produção de sentido de vida e de relação. Entendemos que se a relação do ser humano com a droga apenas lhe provocasse danos, ela não a manteria ao ponto de estabelecer um vínculo de dependência.

O sofrimento relatado pela família é resultante não somente do fato de seu familiar consumir drogas, mas da falta de suporte social e de saúde para lidar com a situação, o que demonstra a necessidade de haver um direcionamento de práticas de cuidado relacionadas aos familiares de pessoas que estão vivenciando o contexto do consumo de drogas.

Na categoria “Compreensão objetivista do cuidado relacionada ao consumo de drogas discutimos sobre a visão naturalizada dos participantes acerca da questão, a qual reconhecemos como resultante de teses construídas em nível sociocultural: “as amizades são capazes de induzir ao consumo de drogas”; “a escola influencia o consumo de drogas”. Trata-se de uma ideia de que sempre há um culpado para o consumo das substâncias psicoativas.

Na primeira tese, os participantes sustentam a ideia de que as amizades são capazes de induzir ao consumo de drogas mediante o poder de persuasão. Na segunda tese, eles defendem que o ambiente escolar constitui lugar de influência ao consumo de drogas, uma vez que agrega grupos de adolescentes que o fazem, as chamadas “amizades”.

Não obstante a própria literatura validar essa compreensão objetivista do senso comum concernente ao objeto deste estudo, entendemos que se trata de uma experiência fenomênica e, como tal, sempre ambígua. Aprendemos com Merleau-Ponty que a percepção humana opera segundo a perspectiva do visível-invisível, logo, os perfis que se mostraram a nossa percepção sobre determinado tema correspondem ao visível, porém, por trás desse visível se esconde um invisível que sempre nos escapa.

Nesta perspectiva, realizar esse estudo nos deu a certeza de que não somos mais da mesma forma que éramos antes de realizá-lo, assim como, acreditamos que os participantes do estudo também não são, pois eles nos permitiram viver experiências

intersubjetivas que, mediante o diálogo, nos conduziram à experiência do “outro eu mesmo”. Esperamos que com a devolução dos resultados do estudo aos participantes eles possam experimentar a experiência da transcendência, enxergando o cuidado no contexto do consumo de drogas para além das teses que eles apontaram.

O estudo permitiu a produção de um novo conhecimento que pode ser aplicado no campo do ensino, pesquisa, extensão e assistência no que se refere ao cuidado no contexto do consumo de drogas, incluindo a família, o que contribui para o estado da arte relacionado ao tema.

Diante do exposto, a pesquisa proporcionou contribuições para a nossa formação profissional, como enfermeiras, militantes do campo da saúde mental, à medida que nos permitiu vivenciar o estudo da temática consumo de drogas no contexto escolar, o que nos despertou para a importância de repensarmos o cuidado de forma articulada e integrada com os diversos dispositivos sociais, como preconiza a Rede de Atenção Psicossocial, uma vez que, o fenômeno em questão se mostra bastante complexo.

## REFERÊNCIAS

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educ. Pesqui.**, v. 40, n.1, p. 215-30, jan./mar. 2013.

ALVAREZ, S.Q; GOMES, G.C; XAVIER, D.M. Causas da dependência química e suas consequências para o usuário e a família. **Revista de Enfermagem UFPE**, v.8, n.3, p.641-8, mar. 2014.

ALVES, C.C.F.; SILVEIRA, R.P.S. Família e redes sociais no cuidado de pessoas com transtorno mental no acre: o contexto do território na desinstitucionalização. **Rev. APS**, Minas Gerais, v. 14, n. 4, p. 454-463, out./dez. 2011.

ALVES, V.S.; LIMA, I.M.S.O.L. Atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas no Brasil: convergência entre a saúde pública e os direitos humanos. **Rev. Disan**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 9-32, nov./fev. 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ARAÚJO, A.T.S.; SILVA, J.C.S.; OLIVEIRA, F.M. Infância e adolescência e redução de danos/intervenção precoce: Diretrizes para intervenção. **Psicol. Argum.**, v. 31, n.72, p. 145-154, jan./mar. 2013.

ARRUDA, M.S.B.; SOARES, C.B.; ADORNO, R.C.F. Revisão bibliográfica: o consumo de crack nos últimos 20 anos. **Sau. & Transf. Soc**, v. 4, n.2, p. 157-166 2013

BAUMAM, Z. **Vida Líquida**. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2009.

BERNARDY, C.C.F.; OLIVEIRA, M.L.F. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v.44, n.1, p.11-17, mar. 2010.

BERNARDY, C.C.F; OLIVEIRA, M.L.F. Uso de drogas por jovens infratores: perspectiva da família. **Cienc. Cuid. Saude**, v.11, n.2, p. 168-175, mar. 2012.



BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** 19<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

BOFF L. **Virtudes para um outro mundo possível: Comer & Beber Juntos & Viver em Paz.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

BOFF L. **Virtudes para um outro mundo possível: Convivência, Respeito & Tolerância.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde. Divisão Nacional de Saúde Mental. PRONAL. Brasília: 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio; bases legais.** Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL a. **Lei nº. 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União 2002; 6 abr.

\_\_\_\_\_. **Portaria N° 336, de 19 de fevereiro de 2002.** Portaria que define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial.. Diário Oficial da União 2002; 19 fev.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.** Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Diário Oficial da República do Brasil. Poder Executivo. Brasília-DF, 24 ago. 2006.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente. Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas. — Belo Horizonte, MG: Rede Andi Brasil, 2009. 137 p. : il..

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.179, de 20 de maio de 2010.** Institui o Plano Integrado de Enfretamento ao Crack e outras Drogas, cria seu Comitê Gestor, e dá outras providências. Brasília, 2010.

BRASIL a. **Portaria Interministerial nº 1.910, de 8 de agosto de 2011.** Estabelece o Termo de Compromisso Municipal como instrumento para o recebimento de recursos financeiros do Programa Saúde na Escola (PSE). Diário Oficial da União, 2011.

BRASIL b **Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União 2011; 23 dez.

BRASIL a. **Portaria Nº 121, de 25 de janeiro de 2012.** Institui a Unidade de Acolhimento para pessoas com necessidades decorrentes do uso de Crack, Álcool e Outras Drogas (Unidade de Acolhimento), no componente de atenção residencial de caráter transitório da Rede de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União 2012; 25 jan.

BRASIL b. **Portaria Nº 130, de 26 de janeiro de 2012.** Redefine o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24 h (CAPS AD III) e os respectivos incentivos financeiros. Diário Oficial da União 2012; 26 jan.

BRASIL c. **Portaria N° 131, de 26 de janeiro de 2012**. Institui incentivo financeiro de custeio destinado aos Estados, Municípios e ao Distrito Federal para apoio ao custeio de Serviços de Atenção em Regime Residencial, incluídas as Comunidades Terapêuticas, voltados para pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e outras drogas, no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União 2012; 26 jan.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 5ª.ed. Brasília: SENAD, 2013.

CALDAS, M.T.; MACÊDO, S. Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em psicologia clínica. **Revista do Nufen**, v. 1, n.1, p. 3-16, 2011.

CARDOSO, L.R.D.; MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v.18, n.1, p.27-34, jun. 2014.

CERQUEIRA, G. S. et al. Consumo de álcool entre estudantes de uma escola pública da cidade de Cajazeiras, PB. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, São Paulo, v.7, n.1, p.18-24, jan./abr. 2011.

COSTA, A.G. et al. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 803-819, abr. 2012.

COSTA, J.M.; PINHEIRO, N.A.M. O ensino por meio de temas geradores: A educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. **Imagens da educação**, Paraná, v.3, n.2, p.37- 44, ago. 2013.

CRIVES, M.N.S.; DIMENSTEIN, S. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. **Rev. Saúde Soc.**, v. 12, n.2, p. 26-37, 2003.

DELGADO, P. G., CORDEIRO, F. A rede de atenção a usuários de álcool e outras drogas na saúde pública do Brasil. In: **O uso de substância psicoativa no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais. Módulo 1 / coordenação do módulo Tarcísio Matos de Andrade. 4. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011. p. 44-51.**

DIETZ, G. et al. As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, v.7, n.2, p. 85-91, mai./ago. 2011.

DUAN, L. et al. Trajectories of peer social influences as long-term predictors of drug use from early through late adolescence. **J. Youth Adolesc**, v.38, n.3, p. 454-465, mar. 2009.

DUARTE, P.C.A.V. A política e a legislação brasileira sobre drogas. In: **O uso de substância psicoativa no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais. Módulo 1 / coordenação do módulo Tarcísio Matos de Andrade. 4. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011. p. 34-43.**

DUARTE, P.C.A.V.; STEMPLIUK, V.A.; BARROSO, L. P (org.). **Relatório brasileiro sobre drogas**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. Brasília, 2009. 364 p.

FARIA FILHO, E.A. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, v.10, n.2, p.78-84, mar./abr. 2014.

FORTESKI, R.; FARIA, J.G. Estratégias de redução de danos: um exercício de equidade e cidadania na atenção a usuários de Drogas. **Rev. Saúde Públ.**, v.6, n.2, p.78-91, abr./jun. 2013.

FREIRES, I.A.; GOMES, E.M.A. O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v.16, n.1, p. 99-104. ago. 2012.

GARCIA, J.J.; PILLON, S.C.; SANTOS, M.A. Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.19, n. spe, p.753-761, mai./jul. 2011.

GIACOMOZZI, A.I. et al. Levantamento sobre Uso de Álcool e Outras Drogas e Vulnerabilidades Relacionadas de Estudantes de Escolas Públicas Participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Florianópolis. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.21, n.3, p.612-622, jul./set. 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

INGLEZ-DIAS, A. et al. Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.147-157, jan. 2014.

JATAI, J.M.; SILVA, L.M.S. Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 65, n.4, p. 691-695, jul./ago. 2012.

LEMKE, R.M.; SILVA, R.A.N. Itinerários de construção de uma lógica territorial do cuidado. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 9-20, 2013.

LOPES G. T. et al. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. **Esc. Anna Nery**, v.18, n.2, p. 202-08, jun. 2014.

MACHADO, L.V.; BOARINI, M.L. Políticas Sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, n. 33, p. 580-595, 2013.

MACIEL S. C. A importância da família na prevenção às drogas. In D. R. Barros et al (Orgs), **Toxicomanias: Prevenção e Intervenção**. João Pessoa: Universitária-UFPB; 2008. p. 31-43.

MALTA, D.C. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v.14, n.1, p. 166-7, fev. 2011.

MARTINS, M. M; FERNANDES, C. S; GONÇALVES, L. H. T. A família como foco dos cuidados de enfermagem em meio hospitalar: um programa educativo. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, v. 65, n. 4, p. 685-90, jul./ago. 2012.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

MEDEIROS, K.T. et al. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicol. Estud**, Maringá, v.18, n.2, p. 269-279, abr./jun. 2013.

MERLEAU-PONTY. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Moura d'Oliveira. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. Tradução: Paulo Alves. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

MOURA, Y.G.; SILVA, E.A.; NOTO, A.R. Redes sociais no contexto de usos de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. **Psicologia em Pesquisa**, v.3, n.1, p. 31-46, jan./jun. 2009.

NAIR, C.S.; GIOVANELLA, L.; THERESE MAINBOURG, E.M. A família nas práticas das equipes de Saúde da Família. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v.67, n.2, p. 274-281, mar./abril. 2014.

OLIVEIRA, E. B.; BITTENCOURT, L.P.; CARMO, A.C. A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: papel materno. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v.12, n.2, p.9-23, jul./dez. 2010.

OMS. **Organização mundial da saúde**. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

OMS. **Organização mundial da saúde**. Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas (resumo). Genebra, 2004.

PACHECO, M.E.A.G. **Política de redução de danos a usuários de substâncias psicoativas: práticas terapêuticas no projeto consultório de rua em Fortaleza, Ceará [dissertação]**. Fortaleza: UECE/Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade; 2013.

PAIVA, F.S.; RONZANI, T.M. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. **Psicol. Estud**, v.14, n.1, p.177-183, jan./mar. 2009.

PAULA, C.C. et al. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 3, p. 468–472, 2014.

PEREIRA, M.O.P. et al. A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, v. 7, n.3, p. 148-154, set./dez. 2011.

RIBEIRO, J.P; COIMBRA, V.C.C; BORGES, A.M. Grupo de familiares de um Centro de Atenção Psicossocial: experiências de seus usuários. **Rev. Enferm. UFSM**, v.2, n.2, p.375-385, mai./ago. 2012.

ROCHA, A.P. Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. **Serv. Soc. Soc**, São Paulo, v. 115, n.4, p. 561-580, jul./set. 2013.

SANCHEZ, Z.V.M. et al. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16 (supl.1), p. 1257-1266, jul. 2011.

SANTOS, V.E.; SOARES, C.B.; CAMPOS, C.M.S. Redução de danos: análise das concepções que orientam as práticas no Brasil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 995-1015, 2010.

SELEGHIM, M.R. et al. Family ties of crack cocaine users cared for in a psychiatric emergency department. **Rev. Latino. Am. Enfermagem**, v.19, n. 5, p.163-70, 2011.

SENA, E.L.S. **A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer**. 2006. 284f. Tese (Doutorado em Enfermagem)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

SENA, E.L.S. et al. A intersubjetividade do cuidar e o conhecimento na perspectiva fenomenológica. **Rev Rene**, v.12, n.1, p. 181-188, jan./mar. 2011.

SENA E.L.S. et al. Alcoolismo no contexto familiar: um olhar fenomenológico. **Texto Contexto Enferm**. v.20, n.2, p. 310-8. abr./ jun. 2011.

SENA, E.L.S. et al. Analítica da Ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. **Rev Gaúcha Enferm**, v.31, n. 4, p. 769–775, 2010.

SILVA, K. L. et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Esc. Anna Nery**, v.14, n.3, p. 605-610, jul./set. 2010.

SILVEIRA, R.E.; SANTOS, A.S. Contextos de vulnerabilidade entre adolescentes do ensino fundamental de Uberaba/MG, **Enfermagem em foco**, v.3, n.4, p.182-185, set. 2012.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.15, n.3, p. 637-644, dez. 2010.

SOUZA, G.M.L. et al. A contribuição da terapia comunitária no processo saúde – doença. **Cogitare Enferm.**, v.14, n.4, p.682-8, out./dez. 2011.



TEIXEIRA, L.C.; PARENTE, F.S.; BORIS, G.D.C. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina, **Revista Psico.**, v.40, n.1, p.24-31, jan./mar. 2009.

TRAD, S. N. S. **A trajetória da prevenção às drogas no Brasil: do Proibicionismo à Redução de Danos e seus reflexos nas políticas locais.** 2010. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia d' la Medicina) - Programa de doctorat d'Antropologia de la Medicina, Universitat Rovira I Virgili, Taragona, 2010.

VILELA, W.V.; DORETO, D.T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467- 72, nov. 2006.

ZAGO, F.C.; BREDARIOL, A.C.P.; MESQUITA, D.P. A aplicação da terapia comunitária na intervenção com adolescentes: novas estratégias de prevenção e promoção. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 361-371, 2013.

ZEITOUNE, R.C.G. et al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, n. 16, v. 1, p. 57- 63, jan./mar. 2012.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB*  
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98  
*Campus de Jequié*



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **TÍTULO DO ESTUDO: PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DO CONSUMO DE DROGAS**

Você está sendo convidado a participar de um estudo científico, porque você é um familiar de estudante de uma escola estadual que cursa o ensino médio e, sua participação, poderá aumentar o conhecimento sobre a percepção dos familiares de estudantes do ensino médio sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas.

#### **O QUE PRETENDE O ESTUDO?**

Este estudo pretende compreender como o cuidado relacionado ao consumo de drogas é percebido pelos familiares de estudantes de escolas públicas. Acreditamos que ele seja importante, porque as famílias que têm pessoas que consomem drogas enfrentam muitas dificuldades, e os profissionais de saúde precisam criar novas estratégias de cuidado para esses familiares. Além disso, por se tratar de um estudo realizado em escola, os resultados dele podem contribuir para que a equipe escolar se aproxime mais dos familiares dos estudantes, como também em parceria com os profissionais de saúde possam realizar atividades educativas com familiares e estudantes no contexto do consumo de drogas.

#### **COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?**

Serão realizadas entrevistas individuais em seu domicílio, por meio de 10 perguntas relacionadas ao tema drogas. Antes de irmos a sua casa, ligaremos marcando o horário que ficar melhor para você para realizarmos as entrevistas. As perguntas não terão um tempo estipulado para resposta, portanto você poderá ficar a vontade para falar. Utilizaremos um gravador para gravar o que você disser, porém ninguém saberá que foi você quem falou, pois

o seu nome não será divulgado na pesquisa. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

#### **ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?**

O estudo não trará riscos para sua integridade física, mental ou moral, sendo garantidos esclarecimentos antes, durante e depois das entrevistas. Porém, podem surgir situações de desconforto por tratar de questões do campo emocional e psicológico.

#### **O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?**

Se você não quiser participar desse estudo, não acontecerá nada. Você pode também desistir a qualquer momento, isso não acarretará em prejuízos para a sua vida, nem irá impedir a continuidade de qualquer tratamento nessa instituição. Os seus dados ficarão mantidos em sigilo, e se você disser que não quer mais participar da pesquisa, eles não serão mais utilizados.

Você não precisará pagar nada para participar desse estudo. Também, não terá despesas financeiras com a participação na pesquisa. Poderá esclarecer todas as suas dúvidas com os pesquisadores, antes e durante a realização das reuniões das entrevistas.

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa você pode procurar a **pesquisadora responsável: Vanessa Thamyris Carvalho dos Santos**, pelo e-mail [nessathamyris@hotmail.com](mailto:nessathamyris@hotmail.com) ou pelo telefone: (73) 8848-3695.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UESB está disponível no telefone: (73) 3528-9727 ou pelo e-mail: [cepuesb.jq@gmail.com](mailto:cepuesb.jq@gmail.com)

Declaro que entendi este termo de consentimento e aceito participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Vanessa Thamyris Carvalho dos Santos  
Mestranda do Programa de Pós Graduação  
Enfermagem e Saúde da UESB

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Edite Lago da Silva Sena  
Orientadora

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Polegar Direito

## ANEXO A- Parecer consubstanciado do comitê de ética em pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Produção de cuidado na rede de atenção à saúde mental na perspectiva da prevenção e enfrentamento da dependência de crack, álcool e outras drogas

**Pesquisador:** Edite Lago da Silva Sena

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 29299214.9.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DA NOTIFICAÇÃO

**Tipo de Notificação:** Outros

**Detalhe:** Subprojeto

**Justificativa:** Enviamos neste momento a notificação do subprojeto " Percepção de familiares de

**Data do Envio:** 26/02/2015

**Situação da Notificação:** Parecer Consubstanciado Emitido

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 989.705

**Data da Relatoria:** 05/03/2015

#### Apresentação da Notificação:

Trata-se de uma ampliação de objetivo do projeto intitulado "Produção de cuidado na rede de atenção à saúde mental na perspectiva da prevenção e enfrentamento da dependência de crack, álcool e outras drogas", coordenado pela professora Edite Lago da Silva Sena. O subprojeto apresenta o seguinte resumo "O uso de drogas tem sido crescente na população brasileira, principalmente entre os adolescentes, já que, nessa fase da vida há uma maior vulnerabilidade para o uso dessas substâncias. Nesse contexto, a própria escola, que os adolescentes frequentam, pode ser considerada algumas vezes, como um espaço de vulnerabilidade, devido à circulação das drogas nesse ambiente. Por outro lado, a escola também é um espaço de proteção, quando se propõe a realizar atividades de caráter informativo, sobre os danos causados pelo uso de drogas. Na conjuntura de mudanças das práticas na saúde mental, o cuidado aos usuários de drogas

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 989.705

passou a ser pensando na rede de atenção psicossocial, através da articulação com espaços de cuidado no território e com a participação da família dos usuários. O presente estudo tem como objetivo: desvelar a percepção de familiares de estudantes de escolas públicas sobre o cuidado ao uso de drogas no contexto do território. Trata-se de um estudo fenomenológico em Maurice Merleau-Ponty. Os participantes do estudo serão familiares de estudantes do ensino médio, de uma escola estadual, localizada no município de Jequié-Ba. Para a produção das descrições vivenciais utilizaremos o Grupo Focal e o retrato falado do território. A técnica de análise dos dados será a analítica da ambiguidade.

**Objetivo da Notificação:**

Objetivo Geral

Desvelar a percepção de familiares de estudantes de escolas públicas sobre o cuidado ao uso de drogas no contexto do território. Trata-se de um estudo fenomenológico em Maurice Merleau-Ponty.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Esse projeto constitui-se em um subprojeto de um projeto maior intitulado:

"Produção de cuidado na rede de atenção à saúde mental na perspectiva da prevenção e enfrentamento da dependência de crack, álcool e outras drogas, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com o número de protocolo: 111/2011 e CAAE: 0088.0.454.000-11. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil para inclusão como subprojeto de projeto maior.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa afirmam que não acarretará custos aos participantes, bem como a confidencialidade dos dados e o anonimato desses serão garantidos através da utilização de outra identificação, escolhida pelos sujeitos, em detrimento da utilização de seus nomes.

**Comentários e Considerações sobre a Notificação:**

A notificação apresentada tem coerência com o projeto anteriormente aprovado pelo CEP\UESB e atende a Resolução 466\2102.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Nada a declarar.

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 989.705

**Recomendações:**

Atenção, na mudança da Resolução 466/2012 os indivíduos devem ser tratados como participante e não como sujeitos da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nada a declarar.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovo ad referendum o parecer do relator em 25/03/2015.

JEQUIE, 18 de Março de 2015

---

**Assinado por:**  
**Ana Angélica Leal Barbosa**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
**Bairro:** Jequezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepuesb.jq@gmail.com